



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA
INTERCULTURAL - PPGECH

BISMAEL IPA´ARAMY TAPIRAPÉ

EDUCAÇÃO INY KARAJÁ NO CONTEXTO DOS SABERES MILENARES E DA
INTERCULTURALIDADE: PRODUÇÃO DA PANELA DE BARRO WATXIWI

BARRA DO BUGRES-MT

2024

BISMAEL IPA´ARAMY TAPIRAPÉ

EDUCAÇÃO INY KARAJÁ NO CONTEXTO DOS SABERES MILENARES E DA
INTERCULTURALIDADE: PRODUÇÃO DA PANELA DE BARRO WATXIWI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.
Área de concentração: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural
Orientador: Dr. Neodir Paulo Travessini

BARRA DO BUGRES-MT

2024

T172e Tapirapé, Bismael Ipa'aramy.
EDUCAÇÃO INY KARAJÁ NO CONTEXTO DOS SABERES MILENARES
E DA INTERCULTURALIDADE: PRODUÇÃO DA PANELA DE BARRO
WATXIWI /

Bismael Ipa'aramy Tapirapé. - Barra do Bugres, 2024.
78f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado",
Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG- PPGECEI - Barra do Bugres -
Mestrado Profissional, Campus Universitário De Barra Do Bugres "Deputado
Renê Barbour".

Orientador: Neodir Paulo Travessini.

1. Educação tradicional Iny karajá. 2. educação escolar intercultural. 3.
produção da Panela de Barro Watxiwi. I. Travessini, Neodir Paulo. II.
Título.

UNEMAT /

CDU

BISMAEL IPA´ARAMY TAPIRAPÉ

**EDUCAÇÃO INY KARAJÁ NO CONTEXTO DOS SABERES MILENARES E DA
INTERCULTURALIDADE: PRODUÇÃO DA PANELA DE BARRO WATXIWI**

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



NEODIR PAULO TRAVESSINI

Data: 25/10/2024 10:51:30-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini
Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT
Orientador

Documento assinado digitalmente



MARIA HELENA RODRIGUES PAES

Data: 25/10/2024 15:52:38-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Maria Helena R. Paes
Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente



ROSANI MOREIRA LEITAO

Data: 07/11/2024 03:08:04-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Rosani Moreira Leitão
Universidade Federal de Goiás- UFG- GO
Examinadora Externa

Aprovado em: 16 de maio de 2024

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à Deus pela vida e saúde. Agradeço também aos meus pais, à minha família, à minha esposa e aos meus filhos pela compreensão e apoio durante o período de meu mestrado, quando minhas ausências foram frequentes. Sou grato aos professores e professoras que compartilharam seus conhecimentos, em especial ao Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini. Por fim, agradeço à comunidade indígena Itxala.

RESUMO

Desde tempos imemoriais o povo Iny Karajá estabeleceu uma relação harmônica com a natureza e se apropriou da técnica e/ou da arte de fabricação da Panela de Barro Watxiwi, que possui várias dimensões, sociocultural, pedagógica etc. Essa pesquisa é de caráter analítico e reflexivo, ou seja, trata-se de pesquisa qualitativa em que a abordagem dos conceitos necessários à construção teórica do objeto de estudo tem como referência obras, livros, e-book, artigos que abordam a temática da confecção da Panela de Barro Watxiwi nos moldes da cultura Iny Karajá. Em relação à pesquisa de campo foram entrevistados(as) os anciãos e anciãs com vistas a uma melhor compreensão da sabedoria milenar destes sujeitos, tanto do ponto de vista da arte/ofício envolvida(o) na produção de Panela de Barro Watxiwi, como também do ponto de vista da educação tradicional Iny Karajá em seu contexto de correlação com a educação intercultural. Assim, para dar conta de comparar os dados empíricos obtidos na pesquisa de campo com a análise teórica, e com o objetivo de delimitar o objeto de estudo aqui pesquisado, utilizarei o estudo de caso de modo a melhor compreender as especificidades nele implicadas. O objetivo geral consiste em melhor compreender o processo de produção da Panela de Barro Watxiwi enquanto manifestação sociocultural milenar do povo Iny Karajá e a qual a função atribuída à educação nesse processo em sua bidimensionalidade, a saber, a educação tradicional iny karajá em sua interrelação com aspectos da educação intercultural. Na condição de educador e praticante da nossa cultura milenar, almejo com minha pesquisa, contribuir no sentido de fortalecer a cultura tradicional iny karajá, estabelecendo os vínculos didático-pedagógicos entre as nossas práticas culturais e o processo ensino aprendizagem de caráter tradicional e intercultural. Nesse sentido, surge como resultado prático da pesquisa o Produto Educacional impresso nas páginas da Cartilha Pedagógica contendo o passo a passo da produção da panela de barro tradicional Iny Karajá.

Palavras-chave: Educação tradicional iny karajá; educação escolar intercultural; produção da Panela de Barro Watxiwi.

ABSTRACT

This research is of an analytical and reflective nature, that is, it is a qualitative research in which the approach to the concepts necessary for the theoretical construction of the object of study is based on works, books, e-books, articles that address the theme of making handmade clay pots along the lines of the Iny Karajá culture. Thus, in order to be able to compare the empirical data obtained in the field research with the theoretical analysis, and with a view to delimiting the object of study researched here, I will use the case study in order to better understand the specificities. Interviews will be carried out with the elderly men and women in order to explore the age-old wisdom of these subjects, both from the point of view of the art involved in the production of handmade clay pots, as well as from the point of view of traditional education Iny Karajá. The general objective is to understand the role/function of education in its traditional dimension in the process of making artisanal clay pots Iny Karajá. The following specific objectives were defined: to know the historical/ancestral process of making the traditional clay pot of the Iny Karajá people; define the possibilities and limits of the encounter between traditional Iny Karajá education and intercultural education so as not to cause the erasure of traditional Iny Karajá culture; specify the step-by-step process of making the traditional clay pot Iny Karajá. As an educator and practitioner of our millenary culture, i aim with my research to contribute towards strengthening the traditional Iny Karajá culture, establishing the didactic-pedagogical links between our cultural practices and the teaching- learning process of a traditional and intercultural. In this sense, as a practical result of the research, the Educational Product printed on the pages of the Pedagogical Booklet containing the step-by-step process of production the traditional clay pot Iny Karajá.

Keywords: Traditional education Iny Karajá; intercultural school education; production of the traditional clay pot Iny Karajá.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Infância na Aldeia Itxala	9
Figura 2 - Organograma representando a organização social Iny karajá Pajé Cacique Tradicional - Cacique Geral	25
Figura 3 - Momentos da alfabetização da criança Iny Karajá	28
Figura 4 - Moradores da comunidade Itxala manuseando a argila.	41
Figura 5 - A árvore Cega-machado.	43
Figura 6 - O corte da árvore Cega-machado.	44
Figura 7 - Desenho representando pedaços da árvore Cega-machado.	45
Figura 8 - Desenho representado o canoeiro transportando a argila e pedaços de árvore Cega- machado.	45
Figura 9 - Desenho representando a mestra em seu meticuloso labor de escolha da argila.	46
Figura 10 - Oficina de cerâmica com as crianças Iny Karajá.....	47
Figura 11 - Desenho da Panela de Barro Watxiwi.	47

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	CONTEXTO TEÓRICO METODOLÓGICO DA PESQUISA	15
2.1	Fundamentação metodológica da pesquisa	15
2.2	Fundamentação teórica da pesquisa	17
3.	EDUCAÇÃO TRADICIONAL INY KARAJÁ: BASES EMPÍRICAS FUNDADAS NA ANCESTRALIDADE	20
3.1	Mito de origem do povo Iny Karajá: breve história do povo Iny Karajá	20
3.2	Organização social e governança do povo Iny Karajá	24
3.3	Processo educativo ao modo do fazer pedagógico próprio do povo Iny Karajá.....	26
4.	EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA INY KARAJÁ NO CONTEXTO DOS SABERES ANCESTRAIS E DA INTERCULTURALIDADE	29
4.1	Interfaces possíveis entre a educação Iny Karajá assentada na ancestralidade com aspectos da educação intercultural	29
4.2	Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena Itxala	29
4.3	O papel da educação intercultural na preservação da identidade sociocultural Iny Karajá	34
5.	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: CONFECÇÃO DA PANELA DE BARRO WATXIWI, ARTEFATO CULTURAL INY KARAJÁ	38
5.1	A produção da panela de barro artesanal como manifestação cultural Iny karajá	39
6.	ETAPAS DA PRODUÇÃO ARTESANAL DA PANELA DE BARRO WATXIWI	43
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS	53

1. INTRODUÇÃO

Meu nome é Bismael Ipa'aramy Tapirapé, moro na Aldeia Itxala localizada no município de Santa Terezinha -MT. Neste texto, descrevo a minha infância com minha família e com meu povo Tapirapé Karajá. Nasci de parto natural na Aldeia Itxala, fui registrado por meu pai e minha mãe em treze de maio de 1981. Nasci na casa do meu vô materno e ganhei dois nomes: um da minha mãe, que é Tukunahu, e outro do meu pai, que é Atorio. Ao longo da minha vida, fui conhecido por dois nomes e educado de acordo com as tradições Karajá. Essa educação se baseava principalmente na língua Macro-Jê, mas também incluía ensinamentos na língua Tapirapé, que pertence ao tronco linguístico Tupi-Guarani.

Figura 1 - Infância na Aldeia Itxala



Fonte: Arquivo pessoal da Professora Desalsina, 1990

Recebi inúmeros ensinamentos que foram cruciais para o meu desenvolvimento psicossocial, cultural e profissional. Meu processo de ensino e aprendizagem sempre foi estabelecido com base na observação prática dos afazeres cotidianos realizados por meu pai, minha mãe, meus irmãos mais velhos, tios, tias, e dos meus avós. Na perspectiva da educação tradicional Iny Karajá e Tapirapé, a aprendizagem acontece pela observação do que está sendo feito pelas pessoas mais velhas. No processo de socialização do povo Iny Karajá e Tapirapé, o menino aprende através do acompanhamento das atividades cotidianas realizadas pelo seu pai, avô, tios, enfim, pelas pessoas mais velhas do sexo masculino.

É importante esclarecer que por parte do meu pai, desde a mais tenra idade, fui ensinado com base nos vários conhecimentos do povo Tapirapé, e por parte de minha mãe recebi os ensinamentos característicos da cultura Iny Karajá. Minha mãe só falava na língua materna, ou seja, karajá, ao passo que nos diálogos estabelecidos com o meu pai, nossa conversa era sempre em sua língua materna, ou seja, tapirapé.

As recordações da minha infância estão ligadas a eventos maravilhosos vivenciados naqueles tempos que para bem e para mal não voltam mais. Nós morávamos (e moramos até hoje) às margens do Rio Araguaia, que é constituído por uma natureza linda e maravilhosa, com uma farta disponibilidade de caça, pesca, frutos e demais abundâncias naturais.

Este contato com a natureza exuberante e a influência de meus pais permitiram-me desfrutar de momentos de brincadeira com meus parentes das comunidades Tapirapé e Iny Karajá. Os ensinamentos culturais transmitidos por meus avós maternos, durante o tempo livre, incentivaram-me a praticar atividades tradicionais, proporcionando uma imersão no rico universo mítico ancestral. As brincadeiras com meus amigos eram a alegria da minha infância na comunidade. Transformávamos a natureza em nosso *playground*: simulávamos animais como o peixe-pirosca e a onça, criávamos bolas com leite de mangaba, mergulhávamos no rio imitando o Espírito do Camaleão, pescávamos com timbó utilizando técnicas tradicionais e até construíamos nossos próprios arcos e flechas. Os ensinamentos de meu avô sobre o arco e a flecha como instrumentos primordiais para a subsistência humana, da caça à defesa, permanecem vívidos em minha memória.

Dessa fase importante do meu processo de socialização, também retenho viva em minha memória a contação de histórias do meu avô, histórias a respeito da nossa tradição sociocultural. Esses momentos foram de fundamental importância para fortalecer em mim o sentimento de pertencimento ao povo Tapirapé Iny Karajá.

Outro aspecto importante da minha infância, que constituiu minha formação enquanto indivíduo, foi a minha alimentação que era à base de frutas oferecidas para os meninos nesta fase do seu desenvolvimento. Me recordo que, para não passar do limite estabelecido, o pajé sempre acompanhava a nossa alimentação. O pajé, com sua visão holística, ensinou-nos sobre a importância da alimentação tradicional, discursou sobre a dieta tradicional de nosso povo, conectando-a à natureza que molda a vida Tapirapé e Iny karajá.

Desse modo, as minhas experiências vividas na infância e adolescência dentro dos ensinamentos tradicionais me fizeram compreender que a desobediência se constitui em um fator que acarreta problemas à saúde dos meninos, quando esses não seguem os aconselhamentos dos mais experientes e vividos. Assim, minha vida sempre esteve entrelaçada com os costumes e valores dos povos Tapirapé e Iny Karajá.

Quando completei seis anos de idade, minha mãe me matriculou na Escola Indígena HÃWÃLÒHÒKY, que se localizava dentro da Aldeia Itxala, onde os professores indígenas do povo Iny Karajá trabalhavam somente com alfabetização e letramento em nossa língua materna. Recordo o primeiro dia de aula com o professor Joel Wahuri Iny Karajá, contratado pela - Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Lembro-me perfeitamente das minhas angústias e inquietações pelo fato de a escrita se inserir em um universo cultural diferente do meu. Com a ajuda cuidadosa da minha mãe, comecei a explorar o fascinante mundo das letras. Ela me apresentou a palavra 'Txitxixtxi', nome do passarinho João-de-Barro, e em seguida me ensinou a escrever meu nome indígena, 'TUKUNAHU'. No entanto, por motivos pessoais, decidi interromper meus estudos na Escola Indígena HÃWÃLÒHÒKY da aldeia Itxala. As dificuldades de escrita e letramento por mim enfrentadas resultaram em um longo período de afastamento da sala de aula, pois no mais íntimo do meu ser, desenvolvi um sentimento de medo e de pavor em errar as palavras.

A convivência com meu avô propiciou-me a imersão em ricas discussões a respeito do patrimônio sociocultural de nossa família. As visitas às roças tradicionais, marcadas por uma intensa produção agrícola onde tinha muita produção de banana, cará, amendoim, etc., constituíram experiências formativas. Nesses ambientes, meu avô me orientava a observar os elementos naturais como portadores de significados simbólicos, associados a crenças espirituais que transcendem a compreensão racional. Naquela época, eu era muito jovem para entender.

Ele sempre me encorajava a acreditar no espírito do povo Iny Karajá representado na figura dos líderes espirituais de ontem e de hoje, visto que estas entidades possuem o dom divino de me acompanhar e ouvir o tempo todo. Em outras palavras, posso afirmar que, ao longo de toda a minha existência, sou guiado pelas entidades sagradas do povo Iny Karajá.

Mesmo nos dias de hoje, procuro orientar minhas ações diárias pelos ensinamentos que, desde os tempos mais antigos de nossos ancestrais, fornecem os alicerces da nossa cultura Iny Karajá. Assim, em estrita conformidade com os conhecimentos tradicionais do meu avô,

que representam a reverberação das vozes da nossa ancestralidade imemorial, mantenho vivas na minha mente as imagens alegres da nossa roça tradicional Iny karajá, que é representada pela fartura de alimentos típicos da nossa cultura que compõem nossa variada dieta diária.

Essa inserção mais profunda nos aspectos gerais da nossa cultura incentivou o meu retorno aos bancos escolares com a idade de 10 anos. Em contrapartida, o contexto do processo ensino-aprendizagem com o qual me deparei no início sofreu uma significativa transformação: ao analisar a prática pedagógica dos docentes, identifiquei uma aproximação com as temáticas ambientais pertinentes ao nosso povo. E isso me ajudou na alfabetização da língua Tapirapé e foi com muita facilidade que finalmente consegui obter sucesso no meu letramento vinculado diretamente ao universo cosmológico Tapirapé. Aquele período me proporcionou um aprendizado significativo sobre as variações linguísticas existentes no vocabulário dos povos indígenas. Importante ressaltar que com a idade de 10 anos eu era um menino muito curioso e comecei a gostar de estudar junto com meus amigos, desse modo intensificou-se o processo de socialização através da educação formal e ou escolarizada.

Com efeito, dei continuidade ao meu processo formativo fundamentado na cosmovisão do meu povo Tapirapé e Iny Karajá, sendo que a educação escolar despertou em mim o desejo de ser um professor indígena, ou seja, eu me considerava como semente do meu povo Tapirapé e Iny Karajá. Com muita garra e esforço, concluí o Ensino Fundamental na Escola Estadual Indígena Tapirapé, aos 16 (dezesesseis) anos de idade. No sistema educacional da época, i.e., ciclado, embora apresentasse sérias dificuldades com a escrita e a organização de ideias, tanto em minha língua materna como, primordialmente, em português, fui capaz de finalizar esse ciclo de estudos.

Após, fiz a opção de permanecer com minha família na aldeia, o que me impediu de iniciar os estudos relativos ao Ensino Médio. Nunca perdi a esperança de dar sequência aos meus estudos, mas para tanto teria que sair da aldeia, ou seja, me mudar para a cidade. Então eu continuava a acompanhar meu povo no espaço de ensino não formal das nossas práticas culturais, seja nas caçadas coletivas, pescaria, colheita das frutas do cerrado, que envolviam sempre a dimensão do trabalho em mutirão. Através dos ensinamentos de um compositor da comunidade, pude aprender uma variedade de cânticos tradicionais. Essa experiência foi fundamental para a minha compreensão das duas cosmologias, Tapirapé e Iny Karajá, com suas nuances específicas. Essas cosmologias, apesar de apresentarem aspectos em comum, possuem

dimensões simbólicas próprias, que refletem suas respectivas visões de mundo e suas particularidades culturais.

A minha formação sociocultural foi fundada na ideia central do fortalecimento das práticas tradicionais e dos saberes Iny Karajá e Tapirapé, e para isto se concretizar foi de fundamental importância me engajar na confecção de artesanatos, tais como o arco e a flecha, borduna para as caçadas coletivas, etc. Em que pesem as dificuldades com a segunda língua, ou seja, língua portuguesa, fazia leituras eventuais de alguns livros contando com o auxílio, na medida do possível, das pessoas mais velhas.

No ano de 2003, passados sete anos sem estudar em sala de aula, graças ao empenho do professor Rael Xako'iapari Tapirapé, que conseguiu trazer o Ensino Médio para a aldeia Maityri Tawa, me matriculei na primeira turma do Ensino Médio Intercultural, onde eu comecei a aprender ler em três línguas diferentes, a saber, língua Tapirapé, Iny Karajá e língua portuguesa. Como as aulas eram no período noturno, tive que enfrentar e superar alguns obstáculos, sendo a distância o principal deles. A escola estava localizada a uma distância de oito km da aldeia onde eu morava. Com dedicação e esforço conquistei a certificação dos estudos relativos ao primeiro ano do Ensino Médio. Já o segundo ano foi realizado em duas etapas por ano, nestas havia dois professores linguistas, professor Eduardo Rivail Ribeiro e professora Monica Veloso, os quais contribuíram com os saberes desta fase do Ensino Médio, que para mim foi muito valioso e muito exitoso. Nessa época, entre vários outros conhecimentos, aprendi que o Tupi e Macro Jê são troncos linguísticos. É como se fossem as raízes das famílias linguísticas que agrupam várias outras línguas semelhantes.

De fato, tanto a família linguística Tupi quanto a Macro-Jê são compostas por diversos grupos de línguas com origens comuns. A familiarização com a fonologia de cada língua materna proporcionou um aprimoramento significativo em minhas habilidades de escrita e no processo de ensino-aprendizagem como um todo. No ano de 2005 aconteceu uma segunda conquista do ponto de vista da minha escolaridade, e o mais importante é que consegui estudar sem precisar sair da minha própria comunidade.

Em 2009, eu tive a oportunidade de me inscrever no Processo Seletivo de Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás e fui selecionado. Para mim era um grande desafio, com muito conhecimento diferente, porque a turma era constituída por acadêmicos de quatro outros estados: Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão. Nesse período, fui bolsista

do Programa de Educação Tutorial (PET), onde trabalhei com várias oficinas permanentes de produção de Recursos Didáticos Específicos da Cultura Iny Karajá.

A Graduação em Ciências da Linguagem foi crucial na minha vida acadêmica e profissional. As dificuldades que encontrava na escola foram superadas, e minha prática pedagógica na Escola Estadual Indígena Itxala, onde sou professor desde 2003, foi significativamente enriquecida. A formação me proporcionou as ferramentas necessárias para ensinar língua materna e portuguesa de forma eficaz. Paralelamente, continuei buscando conhecimento junto ao meu povo Iny Karajá e Tapirapé, aprofundando minhas raízes culturais e fortalecendo minha identidade como educador indígena.

Então, acompanhando a jornada de outros professores indígenas e refletindo sobre minha própria prática docente, percebi a importância de ampliar meus conhecimentos. Essa reflexão me levou à conclusão de que o Mestrado seria o próximo passo natural em minha trajetória acadêmica. Ao conversar com colegas que já haviam realizado a Pós-Graduação, compreendi que o processo seria desafiador, mas também muito enriquecedor. Com base nessas informações e em minha própria motivação, decidi que me dedicaria integralmente aos estudos para alcançar meu objetivo de ingressar em um Programa de Mestrado. Foi então que em 2021 tomei a decisão de participar do Processo Seletivo do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH da UNEMAT, Câmpus Universitário René Barbour, Barra do Bugres-MT. E cá estou com a minha dissertação e Produto Educacional em fase de acabamento.

2. CONTEXTO TEÓRICO METODOLÓGICO DA PESQUISA

2.1 Fundamentação metodológica da pesquisa

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com viés analítico e reflexivo, para investigar a confecção de panelas de barro Watxiwi entre o povo Iny Karajá. A construção do arcabouço teórico se dá por meio de uma revisão extensiva da literatura, englobando livros, artigos científicos e materiais digitais que tratam da temática. O estudo aprofunda a compreensão da relação entre a produção das panelas e a educação tradicional Iny Karajá, além de analisar a interculturalidade presente nesse processo, considerando as interações entre diferentes culturas. Portanto, para uma análise completa, foi preciso conectar essa temática aos aspectos socioculturais e, de forma mais específica, à educação dos povos Kayapó. Essa análise considerou tanto a educação tradicional, baseada nos conhecimentos e práticas ancestrais, quanto a educação intercultural, que busca a integração entre os saberes indígenas e não indígenas.

Na minha concepção, o estudo de caso mostrou-se a modalidade de pesquisa mais profícua para dar conta da análise aqui proposta, a saber, abordar aspectos específicos que lhes são inerentes. A rigor, Pereira *et al.* (2018) compreendem que esta modalidade de pesquisa consiste em um tipo de análise descritiva e analítica, que tem de ser “a mais detalhada possível, de algum caso que apresente alguma particularidade que o torna especial. Sob o título EC -Estudo de Caso, acréscimo meu - se incluem muitos estudos que formam uma gama de variedades.” (Pereira *et al.*, 2018, p. 65). A autora complementa afirmando que “este tipo de estudo pode trazer uma riqueza de dados e informações de modo a contribuir com o saber na área de conhecimentos na qual for utilizada.” (Pereira *et al.*, 2018, p. 65).

Na condição de pesquisador com vínculo ancestral à tradição sociocultural Iny Karajá, utilizei como fonte primária as anotações de campo obtidas em conversas com os anciãos da comunidade. Essas narrativas detalhadas oferecem um rico acervo de conhecimentos tradicionais sobre a confecção da panela de barro Watxiwi, permitindo uma análise aprofundada dos saberes e práticas específicas envolvidos nesse processo artesanal.

Com o objetivo de investigar a produção da panela de barro Watxiwi sob uma perspectiva empírica e quantitativa, optei por entrevistar anciãos da comunidade. Essas entrevistas visavam aprofundar o conhecimento sobre a sabedoria ancestral envolvida na

criação dessas painéis, bem como sobre a educação tradicional Iny Karajá. Paralelamente, para elaborar a cartilha educativa, intitulada "Produto Educacional", foi realizada uma oficina com uma mestra artesã, na qual ela transmitiu seus conhecimentos aos alunos da Escola Indígena Itxala. A cartilha resultante dessa oficina, que detalha o processo de produção da panela de barro Watxiwi, está anexada a esta dissertação.

Pereira *et al.* (2018) compreendem que a entrevista, na condição de técnica de apoio, traz em si inúmeras vantagens, que em sendo bem conduzida, qualifica sobremaneira os dados obtidos no contexto da pesquisa de campo:

A entrevista é uma técnica que utiliza perguntas ao entrevistado como forma de aquisição de informações específicas. Na entrevista se faz a coleta de dados, diagnóstico e orientação. As vantagens da entrevista são: possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos envolvidos na pesquisa; obtenção de dados acerca do comportamento; os dados coletados podem ser classificados; o entrevistado não necessita saber ler e escrever; oferece a possibilidade de esclarecimentos; permite observar algumas expressões durante a sua execução, através de gestos e voz do entrevistado. (Pereira *et al.*, 2018, p. 43).

As perguntas elaboradas são do tipo semiestruturadas com vistas a obter o vasto conhecimento dos mais velhos, que na perspectiva desta pesquisa são denominados Consultores Indígenas Iny Karajá, o pajé Alexandre Ixati Karajá, Iwyraru Karajá.

O objetivo geral deste estudo consistiu em melhor compreender o processo de produção da Panela de Barro Watxiwi enquanto manifestação sociocultural milenar do povo Iny Karajá, bem como, a função atribuída à educação nesse processo em sua bidimensionalidade, a saber, a educação tradicional iny karajá em sua interrelação com aspectos da educação intercultural. Como objetivos específicos foram elencados:

- Especificar o passo a passo do processo de confecção da Panela de Barro Watxiwi do povo Iny Karajá;
- Compreender o papel da Escola Estadual Indígena Itxala no processo de confecção da Panela de Barro Watxiwi do povo Iny Karajá;
- Estabelecer ações práticas de ensino na E.E. Indígena Itxala com vistas a fortalecer nos nossos alunos o sentimento de pertencimento à tradição sociocultural Iny karajá,

tendo como mote a produção da Panela de Barro Watxiwi.

2.2 Fundamentação teórica da pesquisa

A fim de sustentar a construção teórica desta pesquisa e alcançar os objetivos propostos na dissertação, realizamos uma revisão da literatura, consultando autores de diversas correntes teóricas e metodológicas. Leitão (2021) e Álvares (2015) proporcionam um estudo aprofundado sobre o papel das mulheres no processo de produção da panela de barro, com destaque para Leitão (2021), que apresenta uma análise detalhada da panela de barro Witxiwi como uma prática ancestral dos povos Iny Karajá, estabelecendo conexões com os processos educativos formais e não formais desses povos. Para aprofundar a compreensão deste fenômeno complexo, consideramos essencial recorrer ao conhecimento tradicional e ancestral dos consultores indígenas Karajá, que detêm um saber milenar sobre a produção e o significado da panela de barro.

A fim de elucidarmos o papel central do mito na construção da vida em sociedade, nos apoiamos nas análises de Campbell (1991) e Han (2020). Esses autores destacam a recorrência e a importância dos mitos como elementos estruturadores das coletividades. Para complementar nossa análise, utilizamos os estudos de Paes (2008) sobre identidade sociocultural, os quais se baseiam nos estudos culturais. É importante ressaltar que os estudos culturais são um campo dinâmico, em constante evolução ao longo do tempo e em diferentes contextos.

A figura da mestra ceramista se revela de grande valia como agente catalizador dos conhecimentos ancestrais Iny karajá, que se constituem como um aspecto sociocultural de fundamental importância do ponto de vista da preservação da prática cultural Iny karajá por meio da confecção da Panela de Barro Watxiwi. Alvares (2015, p. 263) ressalta a dimensão da capacidade de criação implicada no ofício do(a) artesão(ã), ao afirmar que “Ao reproduzir incessantemente práticas ancestrais, exerce seu fluxo criativo individual, mantendo conexão direta com sua comunidade”. Assim, a singularidade deste ofício está impressa em produtos que em hipótese alguma são “idênticos a outros criados com a mesma finalidade.” (Alvares, 2015, p. 263).

A mestra ceramista é uma expressão autêntica da tradição ancestral de seu povo. No entanto, é fundamental dizer que a tradição, nesse contexto, não é estática. Ela se encontra em constante transformação, dialogando com a contemporaneidade. Como afirma Alves (2015), as

“forças de permanência e mudança” se entrelaçam na vida cotidiana, moldando as práticas culturais ao longo do tempo (Alvares, 2015, p. 355).

Se analisarmos o conceito de tradição de forma aprofundada, podemos entendê-lo como um processo de transferência de valores, costumes e conhecimentos ao longo do tempo. A palavra 'tradição' evoca a ideia de um movimento contínuo entre o passado, que serve como base, e o futuro, que é moldado pelo presente. Essa dinâmica garante a preservação da identidade cultural de um grupo. Nesse contexto:

A tradição não está congelada no passado, antes pressupõe mobilidade, transição, transcendência. A noção de tradição aproxima-se da compreensão heideggeriana do tempo como escoamento, como fuga generalizada para fora do sujeito, em perpétuo movimento centrífugo assim como o do termo do oleiro. (Alvares, 2015, p.355-356).

Desse modo, as habilidades e competências originárias dos saberes milenares/ancestrais que emergem dos “ofícios artesanais” se constituem como marcas indelévels da tradição oral de um povo. Da mesma maneira, as(os) artesãs(os) se constroem como sujeitos protagonistas do fazer artesanal na exata medida de sua inventividade e criatividade impressas nas obras de arte por elas(es) concebidas. Assim, na condição de “intérpretes da tradição”, estes sujeitos adaptam seus saberes às “diferentes realidades”, na medida que inovam em termos de “técnicas e padrões adquiridos por herança”. (Alvares, 2015, p. 356).

Em sua análise, Alvares (2015) destaca a complexidade da produção artesanal que combina elementos tradicionais e inovadores. Para o autor, o artesanato não se limita à criação de objetos materiais, mas transmite um rico patrimônio cultural repleto de símbolos e significados. Essa herança, construída ao longo da história, desempenha um papel fundamental na formação da identidade dos artesãos e de suas comunidades. Ao mesmo tempo, ela proporciona às novas gerações um sentido de pertencimento a uma determinada tradição sociocultural, conectando-as com o passado e fortalecendo seus laços com a comunidade.

A presente dissertação está estruturada em seis capítulos, seguidos das considerações finais, referências bibliográficas e um produto educacional (Anexo 1). No primeiro capítulo apresentamos uma análise reflexiva da minha trajetória acadêmica. Nesse percurso, foram evidenciadas as interrupções e dificuldades enfrentadas na Educação Básica, em especial, aquelas relacionadas à compreensão da língua utilizada pelos professores em sala de aula. Essas experiências pessoais serviram como ponto de partida para a reflexão sobre a importância da

linguagem no processo de ensino e aprendizagem. No segundo capítulo elucidamos os pressupostos teóricos e metodológicos que nortearam a pesquisa; e no terceiro capítulo trazemos à discussão os estudos de Pós-Graduação, aprofundando a análise dos temas centrais da pesquisa.

No capítulo 4, denominado “Educação escolarizada Iny karajá no contexto dos saberes ancestrais e da interculturalidade”, são explicitadas as categorias conceituais que dão sustentação aos saberes indígenas em sua interconexão com a interculturalidade, tendo como pano de fundo as nossas tradições socioculturais milenares, tal como a produção da panela de barro Watxiwi. Neste capítulo, também foi realizada a análise do PPP da EE Indígena Itxala com vistas a melhor compreender a função que a referida escola pode desempenhar na estruturação de ações práticas de ensino que se prestem para preservar e incentivar entre os alunos as práticas socioculturais do povo Iny Karajá.

O capítulo 5 é constituído pela análise e discussões dos resultados, tendo como pano de fundo a importância da preservação das práticas socioculturais do povo Iny Karajá, tendo como recorte a confecção da panela de barro Watxiwi. Nesse sentido, a mestra ceramista, com seus conhecimentos ancestrais é, sem margem para nenhuma dúvida, a agente que exerce um papel de protagonista principal nessa arte que se reveste de em um dos elementos marcantes da nossa identidade sociocultural Iny karajá. No capítulo 6, abordaremos as etapas da confecção da Panela de Barro Watxiwi.

Por fim, esta dissertação contém ainda as seções destinadas às Considerações finais, às Referências e o Anexo I com a Cartilha do Produto Educacional.

3. EDUCAÇÃO TRADICIONAL INY KARAJÁ: BASES EMPÍRICAS FUNDADAS NA ANCESTRALIDADE

3.1 Mito de origem do povo Iny Karajá: breve história do povo Iny Karajá

Em essência, os mitos atuam como pontes que ligam os indivíduos às tradições e costumes de sua cultura. Esses relatos místicos estabelecem conexões significativas entre o mundo natural, as forças divinas e a experiência humana, moldando a identidade e os valores de um povo. Nas palavras de Joseph Campbell (1991, p. 37) “Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo”.

Em sua obra *Do desaparecimento dos rituais*, Byung-Chul Han (2020) argumenta que os povos indígenas recorrem aos mitos como uma forma de estabelecer uma conexão profunda e duradoura com as divindades que veneram desde tempos imemoriais. Ao realizar ritos, esses povos simbolicamente ligam seus atos e realizações do presente aos ensinamentos e valores transmitidos por seus ancestrais. Segundo Han, os ritos são ações carregadas de significado que contribuem para a coesão social, transmitindo e representando os valores e princípios que unem uma comunidade. Nessa perspectiva, “Os ritos são ações simbólicas. Eles transmitem e representam aqueles valores e ordens que mantêm uma comunidade unida”. (Han, 2020, p. 06).

Seguindo a linha de raciocínio de Han (2020), compreendemos que a cosmovisão indígena se estrutura em torno da premissa de que existe uma relação de interdependência e equilíbrio entre todos os seres vivos. Nessa perspectiva, a convivência entre humanos, animais e plantas é marcada pela harmonia, pois todos fazem parte de um mesmo conjunto e contribuem para a manutenção da vida no universo.

Ao encontro disso, de acordo com Campbell (1991, p. 28), a cosmovisão indígena é estruturada por 'arquétipos', padrões universais que se manifestam na psique humana e que, segundo o autor, tocam nas questões mais profundas da existência. Ou isto dito pelas próprias palavras do autor, “[...] O mito me fala a esse respeito, como reagir diante de certas crises de decepção, maravilhamento, fracasso ou sucesso. Os mitos me dizem onde estou [...] ”. (Campbell, 1991, p. 28).

No entendimento do autor, “Precisamos de mitos que identifiquem o indivíduo, não com seu grupo regional, mas com o planeta” (Campbell, 1991, p. 35). A concepção de mito da qual

me apropriado para a escrita desta pesquisa pode ser sintetizada nas seguintes palavras de Campbell (1991, p. 37): “mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo”. Assim, os mitos nos remetem a um ensinamento basilar, em conformidade com o qual “[...] no fundo do abismo, desponta a voz da salvação. O momento crucial é aquele em que a verdadeira mensagem de transformação está prestes a surgir. No momento mais sombrio surge a luz”. (Campbell, 1991, p. 50).

Assim como as narrativas míticas contadas pelos anciãos encerram ensinamentos profundos sobre como os seres humanos devem agir diante de fenômenos naturais e sobrenaturais que fogem ao seu entendimento e controle, essas histórias fornecem um arcabouço de crenças que acalma a inquietação da mente humana e atribui um significado mais amplo à existência, transcendendo os limites do mundo material. Ao se depararem com eventos que não conseguem explicar, os humanos recorrem ao domínio do sobrenatural, buscando nos deuses respostas e auxílio.

Joseph Campbell (1991, p. 44), um dos maiores estudiosos de mitologia, argumenta em sua obra "O Poder do Mito" que os mitos desempenham quatro funções cruciais na vida humana. Ele as classifica como pedagógica (ensinando sobre a vida), sociológica (validando a ordem social), cosmológica (explicando o universo) e mística (conectando-nos com o sagrado). Através dessas funções, os mitos oferecem respostas a questões existenciais profundas e moldam nossa visão de mundo. Embora Campbell tenha apresentado essas funções em uma ordem específica, a importância de cada uma é indiscutível. Na concepção de Campbell (1991, p. 45), a função pedagógica é de suma importância na medida que é “aquela, segundo penso, com que todas as pessoas deviam tentar se relacionar – a função pedagógica, como viver uma vida humana sob qualquer circunstância. Os mitos podem ensinar-lhes isso.” (Campbell, 1991, p. 45).

Em sua dimensão sociológica, o mito cumpre a função de proporcionar uma explicação da realidade de modo a tranquilizar os humanos frente a um universo demasiadamente assustador. Para cumprir com esta função, são utilizados e requeridos os modelos exemplares de como os humanos devem se comportar no contexto das relações socioculturais, interpessoais e interétnicas.

A função cosmológica desempenha um papel fundamental ao possibilitar que os seres

humanos investiguem e compreendam o universo como um todo. Ao buscar respostas sobre a origem, a composição e a evolução do cosmos, a cosmologia proporciona um conhecimento que transcende a experiência individual, conectando a existência humana a uma ordem cósmica mais ampla. Essa compreensão, no entanto, é sempre realizada a partir da perspectiva da finitude humana, ou seja, reconhecendo as limitações de nossa percepção e ação no espaço e no tempo.

Em linhas gerais, a função mística propicia aos humanos uma espécie de conforto espiritual (místico) frente aos enigmas quase que indecifráveis dos mistérios que envolvem as ocorrências de ordem natural em imbricação com a ordem sobrenatural.

Tendo apresentado o conceito de mito, aprofundaremos agora a história do povo Iny Karajá utilizando seu mito de origem como principal fonte. Esse mito demonstra a intrínseca ligação entre o mundo material e o mundo espiritual que sustenta a cosmovisão Karajá. Seguindo a perspectiva sociológica de Campbell, o mito Karajá estabelece uma ponte entre a visão de mundo e a prática cotidiana, alinhada com a natureza. Essa conexão fortalece e empodera a cultura Karajá, promovendo a transmissão de conhecimentos ancestrais, a valorização do patrimônio cultural e a afirmação de sua identidade étnica, tanto em relação a outros povos indígenas quanto a outras culturas.

Woubèdu e sua esposa, Koixaru, tiveram uma filha chamada Ijaariru. Como era costume da tribo, a primeira comida da bebê seria mel. Woubèdu saiu para buscar o doce alimento, mas se perdeu na floresta. Depois de procurar por muito tempo no chão, ele olhou para cima e viu um favo de mel pendurado em um galho de árvore. Além do mel, encontrou diversas frutas exóticas. Ao voltar para casa, presenteou Koixaru com as frutas e contou sobre sua aventura, dizendo: "Koixaru, a terra é um lugar maravilhoso! Encontrei tantas frutas lindas! Vamos dar para nossa filha". A notícia de que o Woubèdu havia abandonado seu antigo lar e encontrado um novo lugar para viver se espalhou rapidamente. Empolgadas com essa descoberta, as pessoas se prepararam para explorar esse novo mundo, que chamaram de 'Terra'. As comunidades ahuriè mahãadu, aniahuru, wèrè, krèluku ranōrahakỹ, ixỹhỹkỹ, mnahakỹ e txudà wetxu tby riòre foram convidadas a participar dessa grande jornada. Ao emergir das águas, cada grupo manifestava sua alegria com cânticos e gritos característicos: os ahuriè entoavam 'ahu, ahu', os wèrè repetiam 'were, were', e assim por diante. Somente os txudà wetxu tby riòre permaneceram em silêncio, pois uma forte dor de dente os impedia de celebrar. Chegando ao

novo local, todos se sentiram contentes e começaram a definir onde cada um iria construir sua nova morada.

Umya, com grande agilidade, se aproximou e começou a arrancar as estacas que marcavam os novos territórios. Ao ver isso, Woubèdu interveio, tentando impedir que os outros removessem os postes. Revoltado com a situação, Woubèdu voltou para casa e advertiu sua irmã e Koixaru a não se envolverem em brigas. No entanto, a moça, ignorando os conselhos, saiu de casa adornada com seus colares e iniciou uma discussão acalorada.

Woubèdu e Umya começaram uma grande luta. No meio da batalha, Umya suplicou: 'Biwatakè, biwatakè, me solta!' Ao ouvir esse pedido, Woubèdu imediatamente o liberou, pondo fim à briga. A partir desse acontecimento, muitas pessoas começaram a se reunir naquele lugar. Os últimos a chegaram foram os rarajutás. Uma mulher, à frente do grupo, profetizou: 'Aqui há morte'. Ela apontava para as árvores secas e mortas como prova, dizendo que o pé de pequi, o pé de landi e outras plantas haviam perecido. Preocupados com o mau presságio, eles decidiram voltar para casa, cantando uma canção de lamento. A mulher então ordenou que ninguém mais voltasse para aquele lugar, ameaçando colocar uma criatura elétrica, o Uwòruni, para guardar a entrada.

Assim nasceu o povo Iny, com sua primeira aldeia, Inysèdyna. Mais tarde, Woubèdu, um líder respeitado chamado Iòlò, deixou a aldeia e fundou um novo povoado, Hāwarahedà. Dessa forma, surgiu o povo Iny Karajá segundo a nossa mitologia.

Segundo a mitologia Iny Karajá, no princípio, nossos antepassados eram aruanãs que habitavam as profundezas do rio Araguaia. Eles viviam em uma pequena aldeia subaquática, onde deram origem à comunidade conhecida como Bèrahati Mahãdu, o povo das águas. Em um dia, Woubèdu e seu irmão Mahurinawi, em busca do primeiro alimento sólido para seu filho, aventuraram-se por aquelas águas. Ao percorrerem um trecho, foram surpreendidos pelo belo canto de uma seriema. Intrigado, Woubèdu perguntou a Mahurinawi: “Você sabe onde esse pássaro está cantando?” Ao que Mahurinawi respondeu negando ter qualquer conhecimento sobre o local. Dirigiram-se para o canto mais afastado do rio, onde uma estreita trilha se revelava. Intrigados, seguiram por ela, a luz que avistavam à distância os guiando. Ao emergir das profundezas, depararam-se com um cenário deslumbrante: uma natureza exuberante, com uma profusão de vida selvagem, árvores frutíferas e um canto melodioso de pássaros.

Eles encontraram um novo lugar incrível e decidiram explorar. Lá, colheram oiti, murici, coco e mamão para levar de volta para o povo. Ao retornarem, contaram sobre a beleza do lugar e como haviam gostado de tudo. Para provar o que diziam, as esposas distribuíram as frutas para todos da comunidade.

Após um acordo com toda a aldeia, os Karajá decidiram viver na superfície do rio. Seguindo uma trilha, nadaram e caminharam até chegarem a Iny Sedyna, onde se estabeleceram às margens do Araguaia (Berohoky). No entanto, Rarajutà, uma guerreira e líder respeitada, percebeu a presença de muitas árvores secas e, temendo a morte, decidiu retornar ao local de origem.

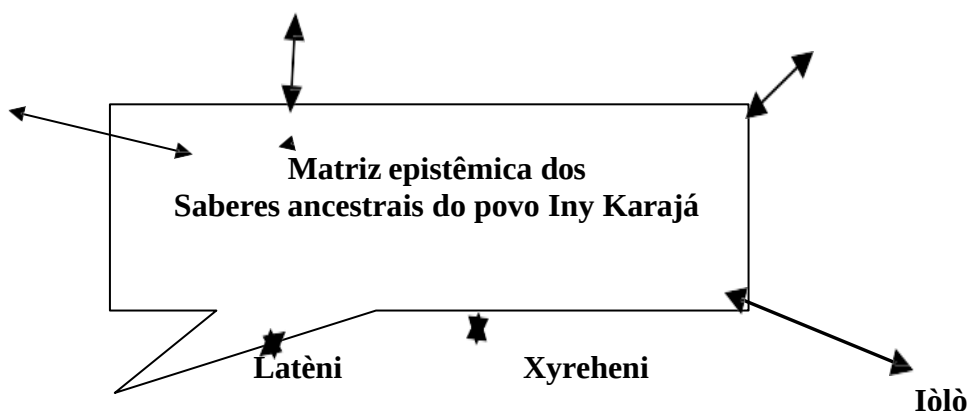
Ao retornar, ela colocou uma criatura aquática na entrada do buraco como uma espécie de guarda. Assim, qualquer pessoa que tentasse voltar seria atacada por esse animal. Além disso, um homem muito grande e corpulento, chamado Kboi, ficou preso no fundo do rio devido ao seu tamanho. Os descendentes do grupo de Woubèdu deram origem ao povo Iny, que permaneceu em sua terra natal, chamada Inysèdtna.

A cosmogonia Karajá situa a origem do povo Iny nas profundezas do rio Araguaia. A presente pesquisa propõe uma análise aprofundada das conexões entre essa narrativa fundacional e a realidade social, política e educacional dos Karajá na atualidade, com o intuito de compreender como o mito de origem continua a moldar a identidade e as práticas desse povo, mesmo diante das transformações históricas e sociais.

3.2 Organização social e governança do povo Iny Karajá

O mito de origem dos Iny Karajá demonstra uma profunda integração entre o homem e a natureza. Essa cosmovisão, transmitida oralmente de geração em geração, fortalece a identidade cultural Karajá e une o povo em torno de valores e conhecimentos compartilhados. Ao valorizar essa rica herança cultural, os Karajá reafirmam sua organização social e sua identidade étnica.

Figura 2 - Organograma representando a organização social Iny karajá Pajé Cacique Tradicional - Cacique Geral



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Entre os Karajá, o pajé desempenha um papel central na organização social e cultural. Sua liderança se baseia em uma visão espiritual que interliga todas as ações do dia a dia com a natureza. A autoridade do pajé provém de um forte vínculo com entidades sagradas, o que lhe confere o poder para realizar atividades comunitárias tradicionais, como festas, caçadas e mutirões.

Para garantir a harmonia com os espíritos da natureza e o sucesso dessas atividades, o pajé inicia cada empreendimento com uma roda de conversa. Nesse momento, a comunidade se reúne para alinhar suas intenções e pedir proteção aos espíritos. Ao seguir os ensinamentos do pajé, os Karajá acreditam que agradam aos espíritos da natureza, o que, na prática, se traduz em resultados positivos em suas atividades. Sob o prisma da Governança, temos vários papéis exercidos pelo Pajé, tais como curandeiro, narrador e/ou contador de história, ou seja, trata-se de um mestre intelectual.

O Cacique Tradicional exerce um papel fundamental na governança do povo Iny Karajá. Ele é a figura central que orienta as gerações mais jovens, enfatizando a importância de respeitar os mais velhos, que transmitem os conhecimentos e valores ancestrais. Essa relação intergeracional é crucial para a manutenção das tradições socioculturais da comunidade. Além disso, o cacique é o líder espiritual, responsável por conduzir os rituais sagrados. Sua presença nesses eventos é indispensável para manter a conexão com o passado ancestral e proteger a comunidade das influências negativas. Qualquer erro cometido durante os rituais pode romper esse elo e colocar em risco a harmonia da tribo. Uma função primordial do Cacique Tradicional

consiste em comandar o ritual de passagem da fase do Menino para fase do Adulto, pois somente ele tem o poder de autorizar o evento, de modo a promover uma harmonia entre a comunidade e os vários espíritos (Espírito de Aruanã) que são trazidos pelo Pajé da aldeia.

O Iòlò é uma pessoa que é considerada detentora de uma vida digna e que manifesta o mais profundo respeito por todas as pessoas da comunidade. Além disso, o Iòlò não pode trabalhar somente para si próprio. Todas as suas ações têm que levar em conta também, e principalmente, a comunidade, e por este motivo ele é muito respeitado.

- Lateni
- Txyreheni
- Dèridu

Sabemos que hoje nós vivemos em um contexto sociocultural de um mundo contemporâneo global, então precisamos socializar, ou seja, nos relacionar com outros povos indígenas ou, até mesmo, com os não indígenas. E para defender os direitos da comunidade se faz necessário um conhecimento tradicional do nosso povo, que não pode estar desvinculado do conhecimento do mundo ao entorno, de modo a garantir minimamente o cumprimento dos nossos interesses comunitários mais amplos.

Nesse contexto, o Cacique Geral assume um papel de muita responsabilidade perante os necessários enfrentamentos e negociações com autoridades governamentais, públicas e privadas, para garantir as conquistas de um modo mais amplo e plausível do ponto de vista do povo Iny Karajá. É importante destacar que o Cacique Geral é constantemente submetido ao processo avaliativo por todos os membros da comunidade, à medida que tem que ser uma pessoa que tenha um perfil para o diálogo e que está sempre predisposta a ouvir e aceitar a opinião de todos e todas as pessoas que compõem o conjunto da comunidade.

Na seção a seguir, farei uma breve análise das implicações do mito de origem do povo Iny Karajá sob o aspecto da educação tradicional Iny Karajá.

3.3 Processo educativo ao modo do fazer pedagógico próprio do povo Iny Karajá

Maidore Karajá (2016) em “Educação tradicional do povo Iny (Karajá)” propõe uma análise sobre o processo educativo a partir de três princípios basilares, a saber: a observação, a relação dialógica, e da práxis. Nas palavras do autor, a educação tradicional do povo Iny

(Karajá)

[...] se divide em três momentos importantes: observar, ouvir e praticar. Observar: primeiro as pessoas mais novas observam o ancião e as pessoas que têm conhecimentos, para aprender novos ensinamentos, contar história e orientar pessoas. Por isso que observação é muito importante nas sociedades Iny. (2016, p. 13).

Já do ponto de vista da dialogicidade, o autor lembra que “Ouvir: quando as pessoas têm interesse de saber e aprender algumas coisas, acompanham as pessoas mais velhas. Quando os anciões estão falando os jovens e adultos, têm que ouvir para se tornar igual a eles”. O autor destaca a importância desta atitude para o processo de ensino e aprendizagem. Ou seja, ouvir os ensinamentos dos mais velhos impressos nas histórias do povo Iny Karajá gera em quem escuta conseqüentemente a necessidade de reverberar tais ensinamentos. E, por fim, cumpre aos ouvintes colocarem em prática tudo aquilo que aprenderam.

Karajá (2016, p.13) revela que “nossa educação era assim antigamente, nós tínhamos boa orientação e recebíamos conselhos dos nossos parentes e familiares, como tio, tia, pai, mãe, avô e avó.” Isso significa dizer que o fazer pedagógico Iny karajá “fundamenta-se nos princípios da interculturalidade e na legislação específica que prevê o direito dos povos indígenas a terem seus processos próprios de educação” (Borges; Leitão, 2020, p. 36).

Ainda na esteira das referidas autares, pode-se dizer que:

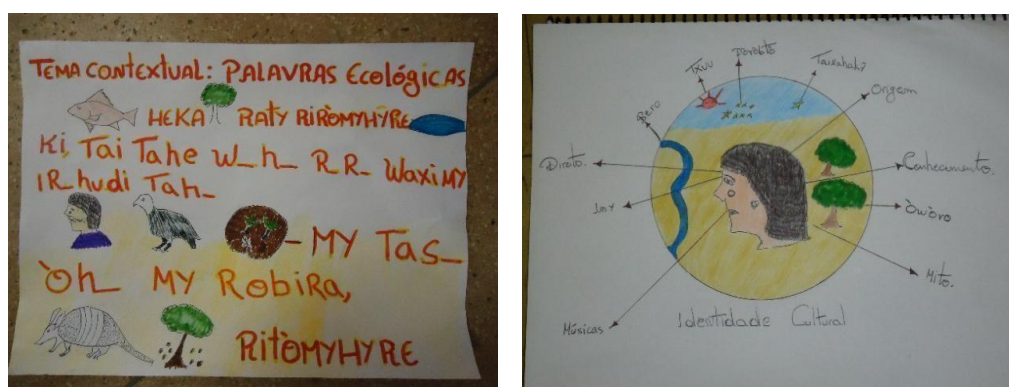
Assim, ao contrário das experiências anteriores mais remotas, em que as instituições assistenciais agiam claramente de uma forma colonialista e se viam no direito de decidirem por eles, estando oficialmente autorizadas e legitimadas para isso, na experiência presente, eles são os principais protagonistas e expressam claramente o desejo de romper com o controle indigenista e com qualquer outra forma de colonialismo que ainda persiste entre eles, tomando iniciativas concretas nesse sentido. (Borges; Leitão, 2020, p. 57).

As autoras destacam a tomada de consciência das lideranças educacionais do povo Iny Karajá quanto a necessidade de a escola por eles requerida, e por conseguinte desejada, ser concebida e estruturada em acordo com a “legislação nacional e a previsão dos direitos indígenas a uma educação escolar própria pensada a partir de suas necessidades e desejos”

(Borges; Leitão, 2020, p.37).

Assim, a escola mais adequada aos interesses do nosso povo Iny Karajá tem que seguir as diretrizes de uma pedagogia Iny Karajá orientada pelos princípios da “interculturalidade e da transdisciplinaridade, e de uma matriz curricular formada a partir de temas significativos” para nós Iny Karajá, e que para tanto tais temas necessitam estar estreitamente vinculados ao nosso contexto sociocultural, aos nossos conhecimentos ancestrais e de nossas vivências cotidianas. (Borges; Leitão, 2020, p.48).

Figura 3 - Momentos da alfabetização da criança Iny Karajá



Fonte: Acervo pessoal, 2012.

4. EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA INY KARAJÁ NO CONTEXTO DOS SABERES ANCESTRAIS E DA INTERCULTURALIDADE

4.1 Interfaces possíveis entre a educação Iny Karajá assentada na ancestralidade com aspectos da educação intercultural

O recorte de análise desta seção consiste em estabelecer as possíveis interfaces entre a educação tradicional Iny Karajá com a educação formal escolarizada, tendo como horizonte as habilidades e competências necessárias em contexto de vivência deste povo com a sociedade moderna.

Cabe aqui citar Bergamaschi e Medeiros (2010), ao assegurarem que, embora a escola tradicional tenha causado danos às comunidades indígenas, essas comunidades aprenderam a adaptá-la a suas necessidades, demandando e transformando-a. Hoje, vemos nas escolas nas aldeias práticas que valorizam a memória, a tradição e a história indígena, fortalecendo a identidade cultural desses povos.

As autoras complementam que é na instituição escolar, por se constituir como “uma região reconhecida como fronteira”, que se estabelece a interface entre “os conhecimentos originariamente ocidentais” e os “saberes ancestrais”. Nesse sentido, cabe à escola adotar “práticas que assegurem a tradição. A memória dos velhos assume a função da história.” (Bergamaschi; Medeiros, 2010, p. 66).

Ao discutir a ancestralidade Karajá, é essencial entender a cosmologia Iny, que representa o conjunto de crenças, mitos e conhecimentos que guiam a vida desse povo. Essa cosmologia está intrinsecamente ligada aos saberes tradicionais transmitidos de geração em geração. A interculturalidade, nesse contexto, se refere à interação entre esses saberes ancestrais e a educação formal oferecida nas escolas. Um exemplo concreto dessa interação é a produção da panela de barro Iny-Karajá, um objeto que carrega consigo um significado cultural profundo e que, ao mesmo tempo, envolve técnicas e conhecimentos adquiridos na escola. Para compreender como essa relação entre tradição e modernidade se manifesta em uma escola específica, é necessário analisar seu Projeto Político Pedagógico, documento que orienta as ações da instituição.

4.2 Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena Itxala

A Escola Estadual Indígena Itxala está localizada na Aldeia Itxala, a aproximadamente 36 (trinta e seis) quilômetros do município de Santa Terezinha - MT. A escola adotou a prática democrática de reunir toda a comunidade escolar para debater as alterações e aperfeiçoamentos do seu Projeto Político Pedagógico –(PPP). De acordo com este documento (2023), desde 16 de fevereiro de 2012, a comunidade escolar tem se reunido anualmente para deliberar sobre as melhorias e adaptações do projeto pedagógico. Essa prática, consolidada ao longo dos anos, evidencia a efetiva aplicação dos princípios da gestão democrática na educação básica estadual. O PPP destaca a relevância dessas reuniões para a transformação do processo educacional dos povos indígenas, sinalizando um marco histórico nas políticas educacionais para essa população.

A rigor, o primeiro recorte se refere “A educação escolar iniciada pelo SPI - Serviço de Proteção ao Índio (acréscimo meu) nos anos de 1910”, que propunha um processo formativo assentado nas premissas educativas de caráter marcadamente assimilacionista e integracionista, e que resultou em um enorme fracasso do ponto de vista da formação dos povos indígenas. Há que se destacar que, do ponto de vista da catequização, o modelo de escola proposto cumpriu fielmente com o processo de tornar os “curumins” dóceis e obedientes à visão de mundo propugnada pela concepção judaico cristão ocidental.

Outro recorte referido pelo documento é a década de 1970, ocasião em que a FUNAI passa a assumir a função de coordenação da educação escolar indígena. Naquele momento não houve grandes alterações nas diretrizes formativas referentes à educação escolar indígena, pois o caráter colonizador, assimilacionista e integracionista permaneceu dando o mote das referidas políticas públicas. Porém, como destacado no documento, sob o aspecto da ampliação da oferta, foi a FUNAI que, na década de 1970, promoveu a ampliação da oferta do “ensino fundamental completo, tendo professores indígenas e não indígenas trabalhando na escola os processos educativos em língua materna e língua não indígena.” (SEDUC-MT, PPP, E.E. Indígena Itxala, 2023, p. 2).

A partir da década de 1980, como aponta Leitão (2002), observa-se um novo marco na educação indígena, sinalizado pelo surgimento de políticas bilíngues e pelo reconhecimento legal das culturas indígenas. Essa nova fase trouxe consigo a possibilidade de que as próprias comunidades indígenas participassem ativamente na criação e implementação de projetos educacionais, o que contribuiu para o aumento da alfabetização e da escolarização, além de

e elevar as expectativas em relação ao conhecimento escolar.

A rigor, o PPP da EE Indígena Itxala se refere à “desconstrução da escola descontextualizada”, sendo imperativo que o processo de ensino e aprendizagem tenha como foco “os conhecimentos técnico-científicos acumulados pela humanidade. É fundamental que seja muito mais do que impor conhecimento. Educar deve ser uma ação humanizadora.” (SEDUC-MT, PPP, EE Indígena Itxala, 2023, p. 4). Nesta perspectiva, o documento explicita o que significa o conhecimento contextualizado, destacando que “A meta de trabalhar o conhecimento contextualizado é adotar uma postura transdisciplinar”. Nesse sentido, importa destacar que no processo de ensino e aprendizagem consoante aos tempos atuais “tudo se liga a tudo e de que é urgente aprender a aprender, é que o educador adquirirá uma nova postura diante da realidade, necessária para uma prática pedagógica libertadora.” (SEDUC- MT, PPP, EE Indígena Itxala, 2023, p. 4).

No documento, os signatários destacam que,

Isso significa a adoção de um bilinguismo intercultural e transdisciplinar. Educação bilíngue - O que se tem que definir, de fato, por educação bilíngue é: (1) os usos e funções das línguas; (2) as línguas de ensino dos temas contextuais; e (3) as línguas de produção de conhecimentos. (SEDUC-MT, PPP, EE Indígena Itxala, 2023, p.4).

Em outras palavras, a prática de ensino deve considerar tanto a língua materna dos estudantes indígenas quanto o português. A globalização exige que os indígenas se comuniquem em português para lidar com situações do dia a dia, com vistas a estabelecer canais de entendimento a respeito de direitos, interesses e projetos do povo Iny Karajá, como tratar com autoridades e defender seus direitos.

Em sua dissertação de mestrado, José Hani Karajá destaca a centralidade da educação ambiental no processo formativo da escola Iny Karajá, o que em termos de práxis pedagógica o professor tem de ter como fundamento a preocupação a respeito da educação ambiental. “educação para mudança do comportamento humano”, tendo como foco despertar no aluno a conscientização do “problema ambiental precisa ser solucionado por meio de ação educativa para fazer compreender, para preservar os recursos naturais que se encontram no nosso planeta”. (Karajá, 2015, p. 75).

Nesse sentido, consta no PPP a referência clara e inequívoca a respeito da necessária compatibilização da “proposta pedagógica da escola de Itxala” com a implementação e desenvolvimento de projetos comunitários que a comunidade deseja ter como melhoria de qualidade de vida. Podem ser projetos culturais de fortalecimento cultural. Podem ser projetos de manejo ambiental, de defesa do território etnocultural, podem ser projetos econômicos, artísticos e de outras modalidades.” (SEDUC-MT, PPP, EE Indígena Itxala, 2023, p. 5).

Dentre outros projetos, cabe citar aqui o projeto Aplauso. No ano de 2005, a comunidade Itxala, juntamente com a Escola Estadual Indígena Itxala, criou o projeto Aplauso. Foram realizadas inúmeras reuniões com a comunidade para tomar a decisão a respeito das diretrizes balizadoras do projeto. A grande protagonista do projeto Aplauso foi a mestra parteira tradicional do povo Iny Karajá da Comunidade Itxala, a senhora Tereza Mahujie Karajá, com seus conhecimentos ancestrais como parteira e demais cuidados necessários a serem adotados para garantir o bem viver das mães e dos bebês Iny Karajá.

Primeiramente, a mestra apresentou as regras do parto e os primeiros cuidados com o bebê. De acordo com nossa concepção, a chegada de um bebê ao mundo está inserida em um contexto de socialização mais ampla, pois além ser concebido como um novo membro da família, trata-se também da chegada de um novo sujeito para toda a comunidade de convívio dos pais, porque o bebê já vem ao mundo dos humanos como membro da família (mãe, pai, irmãos, tios, tias, avós), e também como um sujeito social que tem de passar pelos rituais de iniciação (passagem) Iny Karajá de caráter coletivo comunitário, que diz respeito em essência ao ciclo da vida da pessoa, e isso se realiza em cada fase, tais como nascimento, infância, puberdade, vida adulta e morte.

O processo de socializar a criança, tem início mesmo antes do parto, como transparece no comportamento dos “pais grávidos”, pois ambos fazem dieta alimentar própria do período de gestação. Em conformidade com nossos costumes milenares, para que a criança seja bem gerada, o pai também deve se abster de fazer serviços mais pesados, com particular atenção aos últimos meses da gravidez. Em sinal de acolhimento, e por que não, de pertencimento sociocultural ao modo de vida do povo Iny Karajá, os pais e os avós conversam com a criança dentro do ventre materno, recomendando para que nasça bem, gozando de saúde e que terá uma recepção amigável por parte dos familiares e de toda a comunidade. É importante ressaltar que o parto se constitui em um momento muito especial, quando começam as contrações, a parteira

que pode ser a avó ou outra mulher mais velha da família, tem de acompanhar atentamente todo o processo do parto, pois a rigor tal acompanhamento não se encerra com o nascimento da criança, mas se estende ao período do pós-parto.

Essa relação entre os adultos e a criança mostra uma característica essencial do povo Iny Karajá, que vai se repetir pela vida toda. Os iny karajá reconhecem que a criança se constitui em um sujeito que tem, ao nascer, um legado inato que consiste em sua grande autonomia frente aos desafios impostos pela vivência neste mundo da vida, que é marcado por tomadas de decisões de caráter individual e outras tantas de caráter coletivo em função do alcance comunitário dos resultados advindos.

Porém, para o bem e para o mal, nos tempos atuais os partos iny karajá têm passado por um processo de mudança, pois não se realizam mais como em tempos de outrora. São os ventos da mudança que chegaram também aos nossos costumes em relação as práticas socioculturais relativas aos partos em função do contato com os conhecimentos da ciência moderna, aqui representada pela figura de um(a) médico(a) que, não sem sentido, é reconhecido(a) como doutor(a). Há que se destacar que o papel da parteira pode ser conciliado com o papel da medicina convencional, ambos não são necessariamente excludentes. Um exemplo prático do que foi afirmado acima é o Projeto de Lei N.º 912, de 2019, que regulamenta a atividade de parteira tradicional e define normas de caráter formativo (realizar curso de qualificação básica de parteira a ser ministrado pelo Ministério da Saúde ou Secretaria Estadual de Saúde, etc.), dentre outras diretrizes.

A Escola Estadual Indígena Itxala, localizada em Santa Terezinha-MT, tem como objetivo principal proporcionar aos seus alunos uma educação que valorize tanto os conhecimentos tradicionais da comunidade indígena quanto os conhecimentos científicos. Para isso, a escola adota o ensino bilíngue como prática pedagógica central. Essa abordagem permite que os anciãos da comunidade, detentores dos saberes tradicionais, transmitam seus conhecimentos aos alunos utilizando a língua materna, o que facilita a compreensão e a valorização da cultura indígena. Essa prática está em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola, que reconhece a importância de preservar e fortalecer a identidade cultural dos estudantes.

É importante destacar que, a partir do desenvolvimento desta pesquisa de mestrado, iremos propor a institucionalização das Oficinas de Confecção da Panela de Barro (Watxiwi)

que, a rigor, já consta como desdobramento da pesquisa no formato denominado Produto Educacional (ver abaixo item 4.0).

A seguir, cabe destacar os objetivos da educação escolar indígena no âmbito da Escola Estadual Indígena Itxala. São elencados como objetivos do processo ensino aprendizagem:

1) Fortalecer os espaços tradicionais de conhecimento e de educação Iny Karajá, “além de colocar as crianças em contato com essa riqueza cultural, a de pintar, desenhar, a da arte dos traçados, da confecção de bolsas, esteiras, trabalhos com cerâmica etc.” (p. 5).

2) A centralidade do processo de ensino e aprendizagem tem de focar os “processos tradicionais de aprendizagem de saberes e costumes. Estes conhecimentos são ensinados de forma oral no dia a dia, nos rituais, na confecção de artesanatos, nos mitos, na família etc.” (p.7).

3) “Cuidar bem dos jovens e das crianças; promover ações culturais de educação das crianças; desenvolver projetos de sustentabilidade cultural e econômica.” (p. 7).

4) Implementar estratégias pedagógicas que deem conta de “envolver os jovens em atividades culturais de desenvolvimento de uma vida feliz e saudável.” (p.8).

5) A Escola Estadual Indígena Itxala busca desenvolver primacialmente “projetos de sustentabilidade ambiental, cultural, de proteção do território, o que inclui a gestão sustentável de seus recursos naturais e a continuidade das práticas socioculturais coletivas, medicinais, alimentares, e de seus usos, costumes e tradições, consagradores da diversidade cultural.” (p. 8).

Por fim, o PPP da Escola Estadual Indígena Itxala ressalta que “Os Povos Indígenas têm direito a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngue/multilíngue e comunitária, conforme define a legislação nacional que fundamenta a Educação Escolar Indígena.” (p. 16).

4.3 O papel da educação intercultural na preservação da identidade sociocultural Iny Karajá

Paes (2008, p. 43) constata que no contexto atual não cabe conceber o conceito de identidade de modo fixo, inflexível e imutável tal qual era concebido na modernidade, que a

rigor compreendia as culturas como “puras”. Ao contrário, como já afirmado em outras seções, a perspectiva de identidade sociocultural Iny Karajá tem de ser compreendida em seu contexto de amalgamento com outras culturas indígenas e até mesmo não indígenas, pois na atual quadra histórica não cabe mais “[...] pensar em identidades fixas e estáveis e sobre verdades que se pretendem essenciais e universalizantes estremece diante dessas novas formas de relações da sociedade contemporânea.” (2008, p. 43).

A autora argumenta que a escola, nos dias de hoje, não é apenas um espaço neutro, mas um agente ativo na formação de indivíduos e na construção de valores. Em conjunto com outras formas de cultura, como o cinema, a escola desempenha um papel crucial na definição e legitimação do que consideramos como "verdade". No entanto, a autora observa uma tendência crescente de valorização da diversidade e dos conhecimentos específicos de cada comunidade, o que desafia o papel tradicional da escola.

A escola por nós requerida é a que se institui nesse contexto de valorização da identidade sociocultural Iny Karajá em seu amalgamento com outras culturas, inclusive a cultura *sui generis* imanada da ciência moderna com seus artefatos, que cada vez mais invadem o nosso modo de vida tradicional e imemorial. Para citar um exemplo, temos que a tecnologia está cada vez mais presente no dia a dia da aldeia, interferindo para bem e para mal nas relações interpessoais comunitárias, bem como impactando nossa práxis pedagógica. As metodologias ativas, como a gamificação, oferecem um potencial para tornar as aulas mais envolventes e inovadoras. A interatividade dos jogos permite abordar conteúdos de forma mais atrativa. No entanto, é fundamental selecionar cuidadosamente os conteúdos a serem gamificados. Conteúdos complexos que exigem um rigor científico maior podem não se beneficiar tanto dessa abordagem e necessitam de métodos de ensino mais tradicionais.

Embora o PPP da E.E. Indígena Itxala traga em seu bojo tão somente referências genéricas a respeito da temática das metodologias ativas de aprendizagem, cumpre ao corpo docente promover estudos com o devido rigor que tal temática requer, com vistas a promover o protagonismo e a autonomia dos alunos, potencializando sobremaneira o processo de ensino e aprendizagem. Por ora, e pelo fato desta temática não se constituir no escopo principal da pesquisa, ficamos por aqui com a análise em comento.

Retomando a centralidade da abordagem da pesquisa aqui desenvolvida, cumpre recorrer a autora Sonia Carbonell Alvares (2019) em sua tese de doutorado “Maragogipinho –

as vozes do barro: práxis educativa em culturas populares”, ao destacar que apesar de a atividade artesanal em sentido *lato sensu* se revestir de um caráter universal sob o ponto de vista estético e artístico, a produção artística em si se reveste de uma singularidade impressa em cada modalidade em particular, na medida que cada povo imprime em suas obras de arte o seu modo próprio (estilo) específico do fazer.

A singularidade de cada povo, expressa por meio de sua produção artística, exhibe tanto os signos que o identificam quanto os que o distinguem. Tião Rocha (2010) afirma que fazer bordados, cestos e potes é atividade universal, mas não são universais as maneiras do fazer, nem o material com que se faz e nem as formas ou os padrões utilizados para fazê-los. As particularidades do fazer e do ensinar a fazer, as ferramentas, as propriedades constitutivas dos materiais utilizados, as distinções de estilo são aspectos que conferem marcas de identidade às peças, aos autores e às suas culturas. (Alvares, 2019, p. 10).

A autora sustenta a tese de que a “Oficina artesanal se constitui em um espaço de aprendizagem cujo alcance transcende os ensinamentos de natureza didático/científico tal qual ocorre no espaço escolar propriamente dito. Para ela a oficina “é um local de trabalho onde não há separação entre trabalhar e aprender, ou trabalhar e ensinar, o trabalho se confunde com o fazer artístico”. Ao reconhecer o caráter prático implicado no processo de ensino e aprendizagem da educação artesanal, para a autora, esta modalidade educativa traz como conceitos fundantes as premissas “do fazer manual, da observação e imitação do mestre-artesão, da conquista, pelo aprendiz, de um percurso poético próprio”. (Alvares, 2019, p. 12).

Sequenciando a sua análise, a autora traz à luz as ideias de John Dewey (1859-1952), respeitável filósofo americano, que referenciam a compreensão epistemológica da pedagogia artesã. Dewey (1976) acreditava que o ensino deve dar-se mais pela ação do que pela instrução, pois a verdadeira aprendizagem ocorre na prática; referia-se ao aprender fazendo, em que salienta a importância da experiência pessoal ativa nos processos educativos. E defendia que a educação representa um processo de renovação da experiência, em que não existe um fim a ser atingido. (Alvares, 2019, p. 13).

Na pedagogia artesã, a relação entre mestre e aprendiz vai além da simples transmissão de técnicas. O aprendizado envolve a construção de uma identidade artística, onde o aluno desenvolve um modo próprio de criar e se expressar através da arte. Essa conexão profunda entre mestre e aprendiz permite que o aluno compreenda não apenas os aspectos técnicos da

criação, mas também a sua própria relação com o mundo. A qualidade do aprendizado e a formação de um estilo pessoal dependem significativamente da sintonia e da proximidade entre mestre e aluno.

Outra marca de distinção da pedagogia artesã é a ação repetitiva. A repetição é a força motriz do processo de ensino e aprendizagem do artesanato e, neste caso, da cerâmica. Repetir infinitas vezes o mesmo gestual sobre a matéria barro não acarreta, absolutamente, em adestramento. Ao contrário, “a repetição incansável proporciona um estado de transcendência, a entrega de um corpo que, em seu fazer estético, pensa através da forma. Por meio da repetição e, conseqüentemente, do domínio da técnica, o aprendiz alcança a maturidade e consolida um estilo próprio”. (Alvares, 2019, p. 14).

De acordo com a autora, a pedagogia artesã é uma rica fonte de conhecimento e sabedoria, que conecta as gerações e permite que tradições ancestrais se adaptem aos tempos modernos. Ao aprender um ofício artesanal, o indivíduo não apenas adquire habilidades técnicas, mas também entra em contato com a história e a cultura de seu povo. Essa pedagogia, portanto, desempenha um papel fundamental na formação integral do ser humano, promovendo o desenvolvimento de valores como criatividade, paciência e respeito pela natureza. Diante das ameaças que pesam sobre diversas culturas e comunidades, a autora defende a necessidade de preservar e valorizar a pedagogia artesã, como forma de fortalecer a identidade cultural e garantir a transmissão de conhecimentos essenciais para as futuras gerações.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: CONFEÇÃO DA PANELA DE BARRO WATXIWI, ARTEFATO CULTURAL INY KARAJÁ

Na obra *As bonecas de cerâmica iny-karajá e a pedagogia das ceramistas mestras*, Rosani Moreira Leitão (2021) descreve a essência da metodologia pedagógica do povo Iny Karajá, que consiste em

[...] aprender pela demonstração e pelo exemplo, observando e imitando através das brincadeiras são inerentes à pedagogia iny-karajá e de outros povos indígenas, para quem o ‘saber’ e o ‘pensar’ não existem separados do ‘saber fazer’. Portanto, a cultura material desses povos, bem como seus contextos de produção e respectivos produtos, são instrumentos, espaços e fontes de aprendizado e de transmissão de conhecimentos, bem como de formação de novas gerações. (p. 324-325).

A pesquisa de Leitão destaca a importância das mulheres como transmissoras de conhecimentos sobre a produção cerâmica. As crianças aprendem de forma prática, observando e imitando as atividades das mulheres adultas. Ao brincar com a argila que sobra, as crianças reproduzem as peças feitas por suas mães e avós, vivenciando experiências socioculturais relevantes. Leitão ressalta que, nesse processo, os meninos assumem papéis complementares, semelhantes aos dos homens adultos na produção cerâmica.

No processo de ensino-aprendizagem da cultura Iny Karajá, as ceramistas mestras ocupam um lugar de destaque. Elas atuam como líderes, transmitindo às mulheres de suas famílias um conhecimento ancestral abrangente. Esse saber engloba todo o sistema de conhecimentos do povo Iny Karajá, desde os aspectos práticos relacionados à produção de cerâmica até os significados simbólicos que permeiam essa prática. Ao compartilhar esse conhecimento, as ceramistas contribuem para a preservação da identidade e do modo de vida Iny Karajá, fortalecendo os laços entre as gerações.

Leitão (2021) destaca a importância da mestra Mahuederu como uma intelectual engajada na cultura Iny Karajá. A autora ressalta que o ofício de ceramista, para a comunidade, transcende a mera produção artística. É um modo de vida que garante a transmissão de conhecimentos ancestrais e a continuidade cultural, desempenhando um papel fundamental na educação das novas gerações. A arte ceramista impressa na tradição imemorial Iny Karajá se estende rumo a um horizonte que vai muito além da dimensão pedagógica, na medida que

representa a reafirmação da sua identidade sociocultural construindo nas crianças e jovens o sentimento de pertencimento ao jeito de ser iny karajá.

Leitão (2021, p.332-333) ressalta a dimensão política implicada no ofício das mestras ceramistas que, para “além das práticas referentes ao seu ofício e das peças que produzem”, tem “também a função de agregar e liderar gerações de mulheres no interior dos grupos familiares, contribuindo para o fortalecimento político dos mesmos, das suas comunidades e do seu povo, singularizando-o diante de outros povos indígenas do Brasil”. (Leitão, 2021, p. 332-333). Por seu turno, Alvares (2015, p. 262) faz notar que as mestras dimensionam suas atuações para um âmbito tridimensional, ou seja, que é sim “material e intelectual, mas também espiritual”, pois seus ensinamentos “congregam valores e signos da cultura. O mestre detém, socializa e recria saberes que trespassam gerações, unifica em seu fazer artesanal a identidade social do seu povo. Além de possuir elevada destreza manual e disciplina, é um profundo conhecedor do meio onde vive.” (Alvares, 2015, p. 262-263).

5.1 A produção da panela de barro artesanal como manifestação cultural Iny karajá

Uma análise aprofundada dos estudos sobre o tema revela um consenso: as panelas de barro possuem características mais benéficas do que as de alumínio e inox. A principal razão é a composição dos materiais. Enquanto as panelas de barro são produzidas com argila, um material natural e comprovadamente seguro para a saúde, as panelas de alumínio e inox contêm metais em sua fabricação, o que pode representar um risco à saúde, dependendo do metal utilizado e da quantidade.

A arte ceramista é uma das mais antigas formas de expressão cultural humana, manifestando-se de maneiras distintas em diferentes sociedades ao longo da história. Nesse sentido, a sociedade Iny Karajá é marcada por uma rica tradição oral, que envolve danças, rituais e, claro, pela arte ceramista. As mulheres Iny Karajá desempenham um papel central na produção das panelas de barro, uma atividade que é vivenciada de geração em geração, reafirmando laços familiares e comunitários. Portanto, a confecção de panelas de barro transcende sua função primária de utensílio para cozinhar, servindo de elo entre o passado e o presente, e como expressão viva da identidade cultural do povo Iny Karajá.

Além de sua importância na vida cotidiana da comunidade, as panelas de barro Watxiwi são mais do que simples utensílios domésticos; elas são um símbolo da identidade Iny Karajá e

um elemento importante de sua preservação cultural. Através delas, histórias são contadas, alimentos são cozidos, objetos são guardados, líquidos armazenados e transportados, os ensinamentos mantidos vivos e o conhecimento ancestral experienciado, vivido e preservado.

Portanto, as panelas de barro Watxiwi representam parte significativa da riqueza cultural, refletindo suas histórias, crenças e estética. Elas se constituem em fontes importantes de preservação das tradições artesanais, não apenas para a sobrevivência cultural dos povos indígenas, mas também como uma fonte vital de diversidade cultural para o mundo. Assim, à medida que avançamos para o futuro, devemos reconhecer e valorizar esses objetos não apenas por sua beleza ou funcionalidade, mas como símbolos vivos de resistência cultural e resiliência.

Para refortalecer suas experiências, conhecimentos e técnicas artesanais presentes em sua cultura, os Iny Karajá da Comunidade *Itxala* confeccionam diversos tipos de artesanatos, dentre eles a Panela de Barro Watxiwi. Portanto, a confecção de panelas de barro representa uma das expressões culturais do povo Iny Karajá, ou seja, o processo de fabricação da Watxiwi é complexo e requer habilidades e conhecimentos especializados. Assim sendo, a fabricação deste artefato cultural é uma tradição milenar que combina habilidade artesanal, conhecimento ancestral e uma profunda conexão com a natureza. Esse processo não é apenas uma técnica de produção de utensílios domésticos, mas também uma prática cultural rica, vivida de geração em geração, principalmente pelas mulheres da comunidade. Para a fabricação, inicia-se uma seleção cuidadosa do barro, seguida por sua preparação, modelagem, queima e decoração. Ao final do processo, as peças são decoradas com desenhos representativos e tradicionais. Desse processo, resultam não apenas objetos funcionais, mas verdadeiras obras de arte, cada uma carregando a assinatura estética e o toque pessoal da artesã.

Para compreendermos melhor o processo de fabricação da Panela de Barro Watxiwi, utilizaremos como referência as vivências de ordem coletiva/comunitária das mestras ceramistas. Portanto, existe na comunidade mobilização e organização para a concretização do processo de fabricação de panela de barro, um desses momentos foi realizado entre os dias 12 e 15 de novembro de 2023, a partir de uma oficina promovida pela Associação de Organização do Povo Indígena Karajá de *Hãwâlòra* (OPIKH). Esses ensinamentos ocorreram na Comunidade *Hawãlòra*, com a vinda de uma mestra ceramista da Comunidade *Hãwãlò* de Santa Isabel do Morro – TO. A mestra ceramista se chama *Mahiru* Karajá, tem 47 anos e demonstra habilidades no processo de fabricação de panelas de barro e dos saberes ancestrais do povo Iny

Karajá. O registro fotográfico a seguir mostra parte desse processo de fabricação.

Figura 4 - Moradores da comunidade Itxala manuseando a argila.



Fonte: Teijòlòri Karajá, 2023.

No processo de fabricação da Panela de Barro Watxiwi, os conhecimentos e técnicas são considerados(as) representações culturais que comportam significados sociais importantes, reproduzindo e ressignificando o ordenamento sociocultural e familiar do povo Iny Karajá. De partida, importa ressaltar que a confecção da Panela de Barro Watxiwi não é uma especialidade da comunidade *Itxala*, mas uma prática observada com maior intensidade sobretudo entre mulheres Iny Karajá da comunidade de Santa Izabel do Morro (*Hãwalò*).

A especialista do povo Iny Karajá, a senhora *Mahiru* mestra ceramista nos relatou as etapas do processo de como confeccionar a Watxiwi. Segundo ela, estão presentes na natureza os elementos e as ferramentas para construir uma boa Watxiwi.

A atividade exige um contato profundo da ceramista *Mahiru* com os elementos naturais, estabelecendo uma comunicação com as forças espirituais ancestrais presentes na natureza. Essa conexão prévia é considerada essencial para que o plano de *Mahiru* seja bem-sucedido. Caso a natureza não responda positivamente, o projeto pode falhar, inclusive resultando em danos à valiosa Panela de Barro Watxiwi. Essa formação é uma imersão nos saberes tradicionais dos povos Karajá, que valorizam a harmonia entre o homem e a natureza.

Para a confecção da Panela de Barro Watxiwi são utilizados materiais específicos, como uma madeira conhecida na língua materna como *Ãdinaò* (Cega Machado) ou *Mawysi*. Caso a ceramista não encontre a madeira específica, será substituída por outra. A madeira *Ãdinaò* se encontra na floresta, no cerrado ou pode ser encontrada também na beira do rio Araguaia. Mas, essa árvore *Ãdinaò* é utilizada quando está bem seca, para queimar na fogueira e depois para recolher a cinza da *Ãdinaò* para misturar ao barro. Portanto, de acordo com o conhecimento da mestra, existem vários barros e ela escolhe um que seja bom para obter um resultado mais positivo. Um dos aspectos mais importantes da confecção da Panela de Barro Watxiwi envolve a seleção cuidadosa do barro: a ceramista busca matéria-prima de alta qualidade, geralmente encontrada em locais específicos, conhecidos e preservados pela comunidade. Uma vez coletado, o barro é purificado para remover impurezas como pedras e restos vegetais. Esse processo pode incluir peneiração e amassamento, garantindo uma consistência homogênea e adequada para o processo de modelagem da Watxiwi.

Já a modelagem é feita inteiramente à mão ou com o auxílio de moldes básicos feitos de madeira ou outro material disponível. A mestra ceramista utiliza ferramentas simples e suas próprias mãos para suavizar, unir e dar forma às peças, demonstrando uma habilidade extraordinária para criar objetos de espessuras uniformes e formas equilibradas.

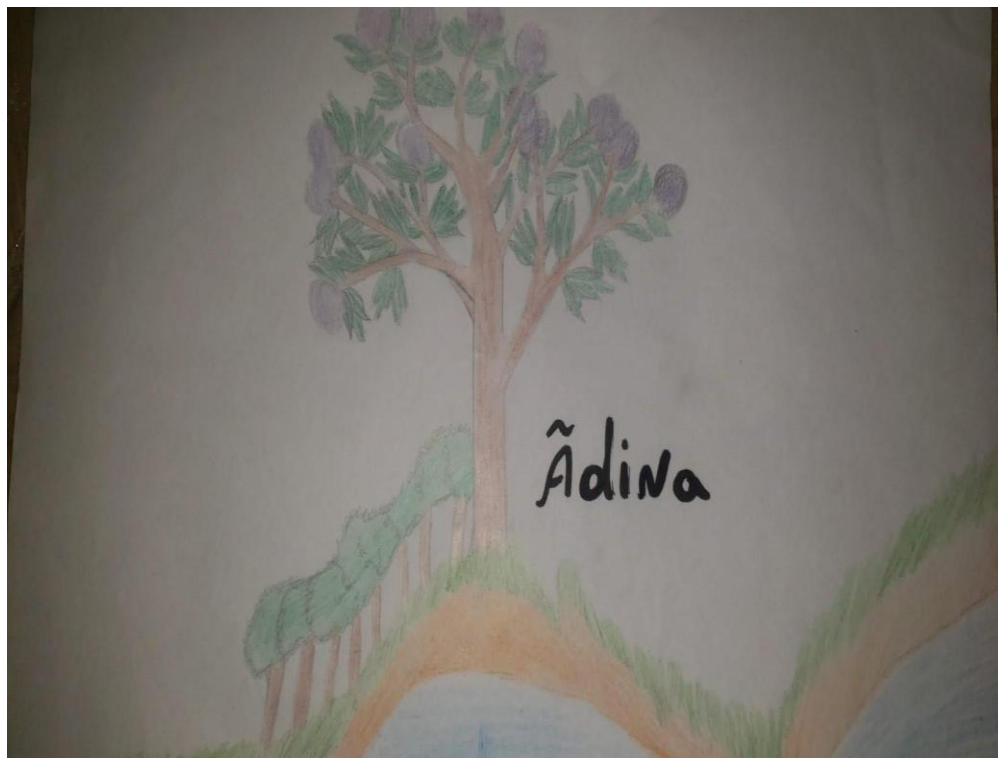
No passo imediatamente anterior à queima, as painelas são decoradas pelas mulheres com técnicas específicas, incluindo incisões, aplicação de relevos ou pintura com pigmentos naturais. As pinturas decorativas são inspiradas na fauna, flora ou mitologia do povo Iny Karajá, refletindo a sua visão de mundo e os seus valores socioculturais milenares. Essa etapa é crucial para conferir às painelas sua identidade visual única e significado simbólico ímpar.

A queima é um dos passos mais críticos e delicados do processo de fabricação, esse momento é cuidadosamente disposto em um espaço aberto, onde são cobertas por materiais combustíveis: madeira e folhas secas. Quando o fogo é aceso, a temperatura passa a ser monitorada integralmente para garantir uma queima uniforme das peças. Esse processo pode levar várias horas, dependendo do tamanho e da espessura das painelas. Assim, a queima endurece o barro transformando-o em cerâmica e, com a coloração, a finalização das painelas está completa.

6. ETAPAS DA PRODUÇÃO ARTESANAL DA PANELA DE BARRO WATXIWI

Na seção a seguir, descreveremos brevemente como confeccionar a Panela de Barro Watxiwi Iny karajá.

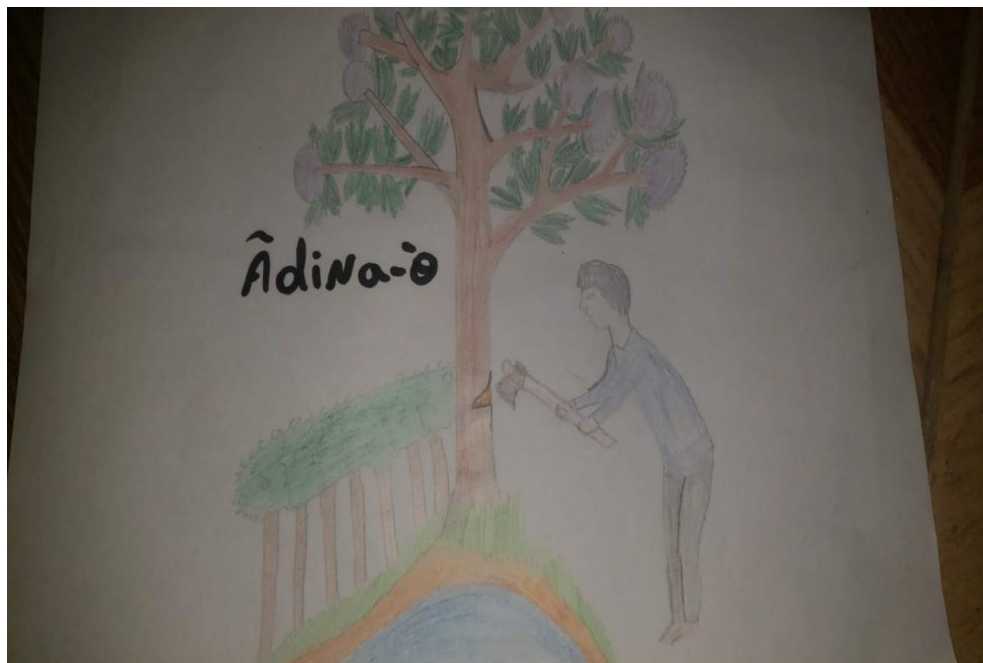
Figura 5 - A árvore Cega-machado.



Fonte: Robson Réhesi Karajá, 2024.

A *Ãdina*, uma árvore de grande importância para o povo Iny Karajá e conhecida como Cega-machado em português, possui características únicas que a tornam indispensável na confecção da tradicional panela de barro (Watxiwi). As cinzas dessa árvore, quando adicionadas à argila, proporcionam à panela uma consistência mais firme e uma textura mais refinada, contribuindo para a sua qualidade e durabilidade.

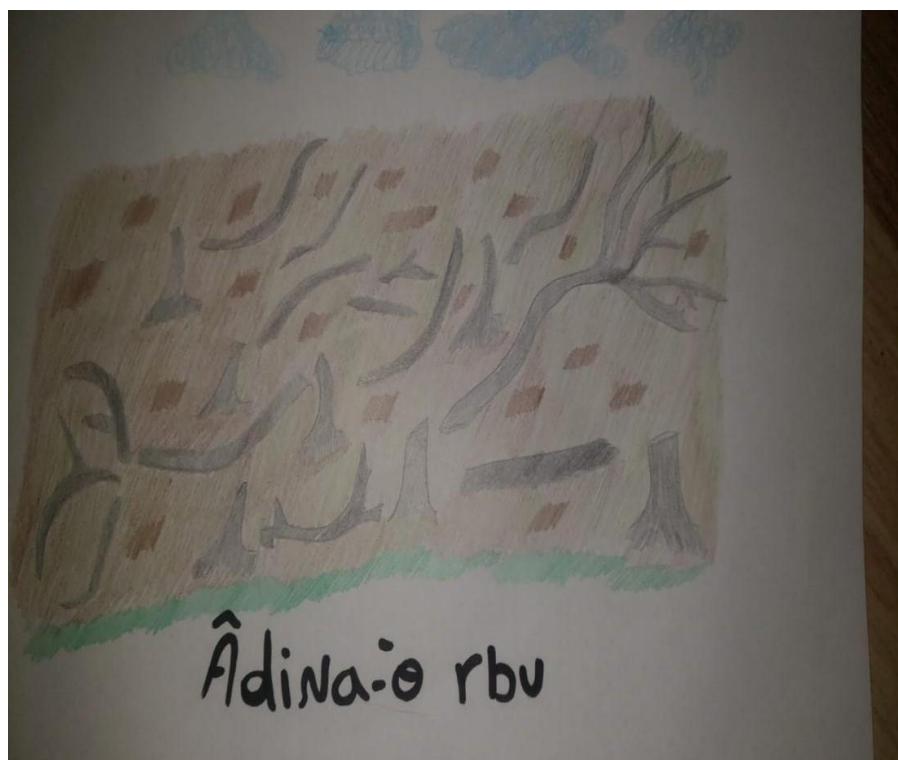
Figura 6 - O corte da árvore Cega-machado.



Fonte: Robson Réhesi Karajá, 2024

A árvore Âdina-ò, ou Cega-machado, desempenha um papel fundamental na produção da panela de barro Watxiwi pelos Karajá. Suas cinzas são misturadas à argila para conferir propriedades especiais à peça, enquanto a madeira é utilizada como combustível no processo de queima. Os homens Karajá são responsáveis por cortar a árvore, enquanto as mulheres, mestras ceramistas, detentoras de conhecimentos ancestrais sobre a natureza, moldam a argila e conduzem o processo de produção, transmitindo assim seus saberes de geração em geração.

Figura 7 - Desenho representando pedaços da árvore Cega-machado.



Fonte: Robson Réhesi Karajá, 2024.

A Figura 6 ilustra a Âdina-ò rbu (secagem da árvore Cega-machado). Então, após passar pelo processo de secagem, essa árvore está pronta para passar pelo processo de corte de pedaços menores pelo homem Iny Karajá. A mestra Iny Karajá utilizará esses pedaços para queimar a panela de barro Watxiwi e garantir sua perfeição.

Figura 8 - Desenho representado o canoeiro transportando a argila e pedaços de árvore Cega-machado.

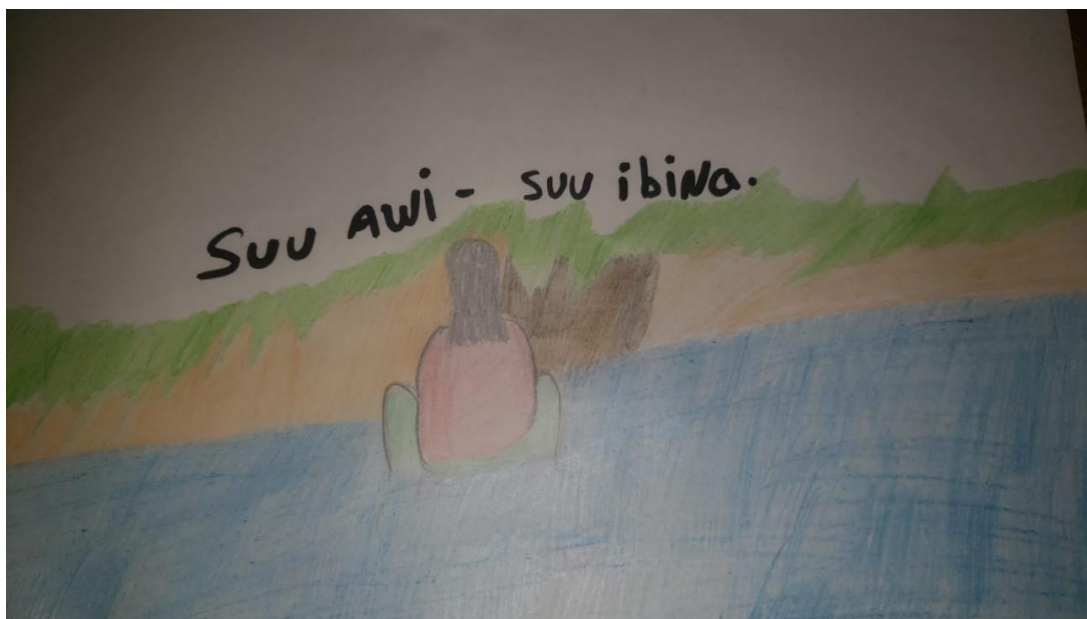


Fonte: Robson Réhesi Karajá, 2024.

Sabemos que os conhecimentos Iny Karajá estão sempre interligados, então essa imagem

demostra a necessária parceria entre a mestra e o indígena canoeiro no transporte de árvores Cega- machado seca (*Ādina-ò*) através dos rios da região do Araguaia (Figura 7). Na prática, notamos a existência de uma rede de solidariedade e cooperação que garantem o bom êxito das ações envolvidas no processo de confecção da Panela de Barro Watxiwi.

Figura 9 - Desenho representando a mestra em seu meticuloso labor de escolha da argila.



Fonte: Bismael Ipa'aramy Tapiarapé, 2024.

Aqui temos a mestra em seu meticuloso exercício laboral (Figura 8). Ela é indubitavelmente detentora das mais variadas dimensões dos saberes ancestrais necessários para levar a bom termo o intrincado processo de confecção da Panela de Barro Watxiwi, que se revelam fundamentais na escolha da argila apropriada para o processo de confecção da Panela de Barro Watxiwi. A rigor, a argila tem que estar em excelentes condições em termos de pureza, ou seja, sem área e sem rachaduras. Com base em seus conhecimentos milenares, a mestra detém o domínio da técnica que garante uma excelente escolha da argila, e que se revela como um fator fundamental para um produto de excelência em termos de qualidades objetivas do ponto de vista material e estético.

Figura 10 - Oficina de cerâmica com as crianças Iny Karajá.



Fonte: Teijòlòri Karajá, 2024.

A Figura 9 mostra a confecção da Panela de Barro Watxiwi em sua fase final. Ao centro e ladeada pelos(as) alunos(as) que tomaram parte da oficina de confecção da Panela de Barro Witxiwi temos a mestra, que está coordenando a oficina na condição de protagonista dos saberes inerentes a tradição sociocultural Iny Karajá. Estas ações de caráter educativo buscam preservar e fortalecer os elementos da realidade do povo Iny Karajá na medida que inserem as crianças no contexto dos nossos valores ancestrais, e têm o condão de sedimentar nas mentes e nos corações das nossas crianças estudantes o sentimento de pertencimento ao modo de ser e viver do povo Iny Karajá.

Figura 11 - Desenho da Panela de Barro Watxiwi.



Fonte: Robson Réhesi Karajá, 2024.

Importa ressaltar a variedade de figuras impressas na Panela de Barro Watxiwi, pois como afirmado nas seções anteriores, cada mestra ceramista imprime à arte sagrada da confecção

da Panela de Barro Watxiwi a sua marca pessoal (Figura 10). Nesse contexto, ressalta-se a importância dos conhecimentos especializados absolutamente imprescindíveis para que ocorra a queima da Panela de Barro Watxiwi na fogueira, cuja resultado será impresso em um produto *sui generis*.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ensinamentos adquiridos nas inúmeras obras e textos por mim analisados, nos diálogos realizados com os consultores Indígenas Iny Karajá e, fundamentalmente, nas oficinas realizadas com a mestre *Mahiru* Karajá, profunda conhecedora do objeto específico do estudo aqui realizado, a saber, confecção da Panela de Barro do povo Iny Karajá Witxiwi; a aprendizagem adquirida por conta dos relatos dos idosos e idosas, avós, pais, tios e tias, irmãos mais velhos, na medida que todos e todas indistintamente detêm um domínio dos saberes tradicionais indígenas e dos aspectos essenciais da cultura iny karajá, fizeram valer muito a pena ter me dedicado para chegar a bom termo desta pesquisa. Assim, avalio que os objetivos propostos nesta pesquisa foram alcançados em grande medida, pois nos capítulos que compõem esta dissertação, e no Produto Educacional (Anexo I), ressaltaram a importância de se obter um maior domínio do processo formativo em sua dimensão formal e em sua dimensão não formal (empírica). Em todas as páginas desta dissertação sobressaíram o reconhecimento, a valorização, e orgulho de pertencer ao modo de ser Iny Karajá que têm na educação o elo capaz de dar conta de problematizar o processo de socialização, que se encontra em um caminho bifurcado cujo edifício do conhecimento é erguido, de um lado com base em nossas vivências e convivências próprias do nosso modo de ser Iny Karajá frente à inevitabilidade da interconexão com os artefatos e constructos judaico-cristãos do mundo ocidental.

A conclusão desta dissertação e do Produto Educacional marca o início de uma jornada contínua de aprendizado sobre a cultura Iny Karajá. Buscamos compreender como nossa cultura se transforma ao entrar em contato com a ciência ocidental, predominantemente judaico-cristã. É fundamental analisar os impactos positivos e negativos dessas interações para garantir que as gerações futuras se adaptem a essas mudanças da forma menos traumática possível.

Neste ponto, é importante retomar as dificuldades que enfrentei durante minha trajetória escolar. Essas experiências negativas, marcadas por insucessos, quase me levaram a abandonar os estudos. Que isso não venha a ocorrer com a atual geração de crianças Iny Karajá ingressantes na educação escolar formal da Escola Estadual Indígena Itxala, município de Santa Terezinha - MT.

A experiência vivenciada em função do contato com os saberes acadêmicos foi de grande valia para ampliar os meus horizontes de conhecimento a respeito do fenômeno que tenho observado nos últimos tempos no que se refere as mudanças profundas que têm afetado

aspectos essenciais da cultura Iny Karajá. É importante destacar o conhecimento por mim adquirido ao estabelecer diálogo com os consultores e as consultoras indígenas Iny Karajá através das longas conversas e diálogos estabelecidos para melhor esclarecer aspectos essenciais da nossa tradição cultural, principalmente em seu recorte relativo à confecção da Panela de Barro Watxiwi.

Como resultado prático destaco o aperfeiçoamento da minha práxis pedagógica por conta dos intensos estudos de caráter analítico e reflexivo com vistas a minha compreensão a respeito dos aspectos teóricos da cultura indígena *lato sensu* - Paes (2008), Leitão (2021), Alvares (2019), dentre outros, e, mais diretamente, Karajá (2016) sob o ponto de vista dos aspectos da nossa tradição sociocultural. O mito de origem dos Iny Karajá desempenha um papel central em nossa cultura, funcionando como um elo entre o presente e um passado ancestral. Ele nos proporciona uma compreensão profunda de nossas origens e nos ajuda a dar sentido aos nossos valores, costumes e relações sociais. Essas crenças fundantes, que remontam a uma cosmovisão ancestral, servem como alicerce para nossa identidade e nos conectam com a história imemorial do nosso povo.

Em resumo, nossas ações e identidades como povo Karajá são moldadas por práticas ancestrais milenares. Esses conhecimentos, transmitidos oralmente pelos mais velhos, servem como guias para nossas vidas e devem ser valorizados. Nas aulas da E.E. Indígena Itxala, busco conectar os ensinamentos escolares com esses saberes tradicionais. A oficina da panela de barro Watxiwi, por exemplo, é uma excelente oportunidade para os jovens aprenderem com a mestra ceramista *Mahiru Karajá* e fortalecerem sua identidade cultural.

Ao analisar detalhadamente o Plano Político Pedagógico (PPP) da Escola Indígena Itxala em 2023, fortaleci ainda mais meu sentimento de pertencimento e orgulho da rica cultura do povo Iny Karajá. Essa análise me fez perceber a importância de projetos como o "Aplauso", que reforçam a identidade sociocultural dos Karajá em todos os envolvidos no processo educacional. Acredito cada vez mais no potencial da teoria quando aplicada na prática pedagógica.

A rigor, o processo de ensino e aprendizagem tem necessariamente de estar assentado em premissas como educação tradicional Iny Karajá em interface com a educação em sua dimensão da interculturalidade, bem entendido que para mim interculturalidade significa o amálgama das ações práticas que desenvolvemos em nosso dia a dia, ou seja, tudo o que nós

povos indígenas realizamos em nosso fazer cotidiano, seja no âmbito escolar ou comunitário em geral, que é realizado em um contexto de aproximação entre a cultura tradicional com aspectos da ciência ocidental. Por exemplo, o uso em sala de aula das Tecnologias de Informação e Comunicação () e, por conseguinte, o uso da internet como ferramentas imprescindíveis nos tempos atuais para potencializar a aprendizagem dos nossos alunos iny karajá. Ou isto dito de um modo ainda mais explícito, vale dizer que a tematização dos mitos, rituais de passagem, nossos usos e costumes ancestrais, que fundamentam a nossa cosmovisão iny karajá, podem lançar mão do uso das TIC's não só do ponto de vista da publicização, mas ao fazer o uso de ferramentas pedagógicas na medida que facilitam a interatividade de todos os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Bem lembrado, que as TIC's requerem a adoção de medidas extremamente necessárias, tais como a garantia da privacidade dos atores envolvidos, o estabelecimento de critérios rigorosos com vistas a não divulgação de notícias falsas - as assim denominadas Fake News, dentre outras, sob pena de resultarem estratégias inócuas ou até mesmo maléficas, podendo vir a comprometer o seu processo de implementação nas escolas indígenas.

Tenho a plena consciência de que o meu processo formativo não acaba com esta pesquisa de mestrado. Ao contrário, tenho que estar acompanhando as novidades que sempre surgem em relação a práxis docente. Tenho, por exemplo, que estudar mais sobre as metodologias ativas de aprendizagem, cujo fundamento didático/científico é o exercício do protagonismo e autonomia dos(as) aluno(as) em seu processo de ensino e aprendizagem.

Por fim, cabe ressaltar que o Produto Educacional não deve ser compreendido como a solução mágica de todos os problemas educacionais existentes em relação a aprendizagem na EE Indígena Itxala. Contudo, durante as oficinas pedagógicas realizadas com vistas a elaboração do produto educacional, aprendi que tais modalidades de ensino significam um importante momento de socialização e compartilhamento dos saberes indígenas por envolver e aproximar as gerações atuais e as gerações mais velhas do povo Iny Karajá. E, fundamentalmente, a constituição da Cartilha Pedagógica Panela de Barro Iny Karajá *Watxiwi* me fez despertar a importância da implementação das oficinas pedagógicas como estratégia de ensino, que deve se tornar uma prática permanente, inclusive para contemplar o estado da arte do povo Iny Karajá de modo a preservar, valorizar e levar sempre adiante as nossas tradições socioculturais, tendo o espaço escolar como locus privilegiado que potencializa os conhecimentos ocidentais em sua interface com os nossos saberes práticos.

CONSULTORES INDÍGENAS INY KARAJÁ

Maria Amalia Madideru Karaja Maria adalta Lawaraxiki Karaja Iwyraru Karaja

José Uruawa Karaja Mahiru Karaja Waxiaki Karaja Teijòlòeri Karaja Alexandre Ixati Karaja

Professor Raimundo Ribeiro

Organização do Povo Indígena Karaja de Hãwãlòra - OPIKH

REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Sonia Carbonell. **Maragogipinho – as vozes do barro: práxis educativa em culturas populares**. 2015. 375 f. Tese (Doutorado em Educação: Cultura e Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. <Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/157833/153138>>. Acesso em 02 de out. de 2022.

ARAÚJO Junior Mozart Martins de. Iny. **História e Identidade Cultural: Índios Karajá de Buridina**. Goiânia, 2012. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3576/2/MOZART%20MARTINS%20DE%20ARAÚJO%20JUNIOR.pdf>>. Acesso em 19 de out. de 2022.

BERGAMASCHI, Aparecida Maria; MEDEIROS, Scheider Juliana. História, memória e tradição na educação escolar indígena: o caso de uma escola Kaingang. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, nº 60, p. 55-75, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/xwLfPnXVfss8xgqJScZQyps/?lang=pt>. Acesso em 22 de out. de 2022.

BORGES, Mônica Veloso; LEITÃO, Rosani Moreira. Interculturalidade e Decolonialidade: Construindo Uma Escola Para/Com Os Avá-Canoeiro de Goiás (Brasil). **Movimento-Revista de Educação**. Niterói, v. 1, n. 13, p. 34-62, maio/ago. 2020. <Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/34-62/pdf_1>. Acesso em 04 de ago. de 2023.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991. <Disponível em: <https://peloamordadeusa.files.wordpress.com/2018/11/o-poder-do-mito.pdf>>. Acesso em 10/04/2023.

COSTA, Leila. Miguelina. Aparecida. O Artesanato Como Forma de Manifestação Cultural e Complementação de Renda: um Estudo de Caso da Associação Comunitária do Bairro do Lambari. **CELACC/ECAUSP**, 2012. Disponível em: <http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/414-1166-1-PB.pdf>. Acesso em: 04 de ago. de 2023.

FOCILLON, Henri. **Elogio da mão**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. Livro eletrônico.

FILHO, Lima Manuel (Org.). **Tesouros Iny – Karajá**. [E-book]. Goiânia: Cegraf/UFG. 2021, 490 p. <Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/tesourosIny-Karaja.pdf>>. Acesso em 17 de out. de 2022.

HAN, Chul-Byung. **Do desaparecimento dos rituais**: Uma tipologia do presente. Trad. Alberto Cirio; Trad. digital José Toribio Barba. Barcelona: Herder Editorial, 2020.

KARAJÁ, Maidore. **Educação tradicional do Povo Iny (Karajá). Barra do Bugres**. UNEMAT, 2016. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT, Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Ciências Sociais. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/Maidore.pdf>. Acesso em 18 de out. de 2022.

LEITÃO, M. Rosani. Educação escolar e formação de lideranças indígenas. In: LEITÃO, M. Rosani; MACEDO, V. Ana; MINDLIN, Betty; FREIRE, B. R. José. **Educação escolar indígena. Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação: formação de professores.** (1. 2001: Brasília) Marilda Almeida Marfan (Organizadora). Brasília: MEC, SEF, 2002. <Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol4b.pdf>>. Acesso em 13 de fev. de 2024.

LEITÃO, Rosani Moreira. As bonecas de cerâmica iny-karajá e a pedagogia das ceramistas mestras, Goiânia. In: **TESOUROS Iny-Karajá.** Lima, Manuel Filho (Org.). Tesouros Iny - Karajá [E-book]. Goiânia: Cegraf/UFG. 2021, p. 291-344. <Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/tesourosIny-Karaja.pdf>>. Acesso em 17 de out. de 2022.

LIMA, Manuel Filho (Org.). **Tesouros Iny – Karajá.** [E-book]. Goiânia: Cegraf/UFG. 2021, 490 p. <Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/tesourosIny-Karaja.pdf>>. Acesso em 17 de out. de 2022.

PAES, Maria Helena Rodrigues. **Representações cinematográficas “ensinando” sobre o índio brasileiro: selvagem e herói nas tramas do Império.** Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 154 folhas e anexos.

PEREIRA, Adriana Soares; SHITSUKA, Moreira Dorlivete; PARREIRA, José Fábio; SHITSUKA, Ricardo. **Metodologia da Pesquisa Científica.** Santa Maria/RS: UAB/NTE/UFSM, 2018. E-book. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1. Acesso em 21 de out. de 2022.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Estadual Indígena Itxala, Santa Terezinha-MT, 2023.

QUINTAES, Diego Késia. Utensílios para alimentos e implicações nutricionais. **Revista de Nutrição. Campinas:** PUC - Campinas, Câmpus II. v. 1, set./dez., p. 151-156, 2000.

SANTOS, dos Lima Gabriela; SILVA, Jesus de Beatriz Maria; MELO, de Pessoa Felipe; BATISTA, Santana Jaldemir. **A cultura da panela de barro artesanal e os desafios da mulher na preservação desse ofício.** E-book CONQUEER. Campina Grande: Realize Editora, 2018. p. 26-34. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/40189>. Acesso em: 04 de ago. de 2023.

ANEXO I**CARTILHA PEDAGÓGIA – PANELA DE BARRO INY KARAJÁ WATXIWI**



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CÂMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



ANEXO I

CARTILHA PEDAGÓGICA
PANELA DE BARRO INY KARAJÁ WATXIWI

BARRA DO BUGRES

2024

Figura 1 - WATXIWI



ORGANIZAÇÃO: BISMAEL IPA'ARAMY TAPIRAPÉ

CONSULTORES INDÍGENAS INY KARAJÁ

Maria Amalia Madideru Karajá

Maria adalta Lawaraxiki Karajá

Iwyraru Karajá

José Uruawa Karajá

Mahiru Karajá

Waxiaki Karajá

Teijòlòeri Karajá

Alexandre Ixati Karajá

Raimundo Ribeiro

Organização do Povo Indígena Karaja de Hãwãlòra - OPIKH

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - WATXIWI.....	1
Figura 2 - Oficina de confecção da Panela de Barro Watxiwi.....	8
Figura 3- Desenho representando a mestra ceramista escolhendo a argila	9
Figura 4 - Desenho representando a mestra ceramista transportando a argila	10
Figura 5 - Desenho de árvore Cega-Machado - ãdina.....	11
Figura 6 - Queima da árvore Cega-Machado	12
Figura 7 - Mestra repassando seus ensinamentos aos alunos	13

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
2. PANELA DE BARRO INY KARAJÁ WATXIWI.....	6
3. ETAPAS DA CONFECÇÃO DA PANELA DE BARRO WATXIWI	8
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	13

1. APRESENTAÇÃO

Ao desenvolver suas práticas culturais, o povo Iny Karajá da comunidade indígena Itxala confecciona vários tipos de artesanatos, dentre os quais a Boneca de Barro Ritxôkò/Ritòò e a Panela de Barro Watxiwi, que se constituem elementos fundamentais da sua identidade sociocultural. O objeto da minha análise nesta Cartilha Educacional é a Panela de Barro Watxiwi Iny Karajá são consideradas representações culturais que contêm aspectos sociológicos, cosmológicos, culturais, econômicos, etc., que se fundem na constituição de uma cosmovisão assentada em premissas epistêmicas que reservam à natureza o mais profundo sentimento de respeito, admiração e, por que não, veneração. Ou, de modo ainda mais explícito, equivale dizer que o modo de vida prático do povo Iny Karajá está estruturado na mais perfeita sintonia com a funcionalidade da lógica natural, segundo a qual a vida humana é constituída a partir de uma teia de relações com os entes naturais e sobrenaturais, que resultam em uma totalidade do mundo vivido. Ou seja, em conformidade com a nossa cosmovisão, a preservação e a conservação da natureza implicam necessariamente na preservação de todas as formas de vida, a humana e a não humana. Do mesmo modo, a agressão, o aviltamento, o vilipêndio a qualquer forma de vida não humana, trazem em si, intrinsecamente, como reflexo negativo na forma de reverberação de tudo o que é maléfico sob o prisma da vida humana.

Com efeito, o objetivo principal desta Cartilha Educacional consiste na afirmação do modo de vida Iny Karajá como uma de que a natureza como elemento cosmológico garantidor de todas as formas de vida, em suas mais variadas formas humanas e não humanas não só pode, mas deve conviver na mais absoluta harmonia. Do contrário, a existência de todas as formas de vida no planeta corre sérios riscos de esgarçamento, na medida que são cada vez mais constantes os sinais de exaustão emitidos pela natureza, vide as catástrofes ocorridas no estado do Rio Grande do Sul, que vêm se repetindo de modo cada vez mais acelerado, lembrando que somente no período de um ano foram três catástrofes seguidas.

Assim, devemos confirmar e reafirmar como viável o nosso modo de vida ancestral/milenar Iny Karajá, porquanto estruturado em mitos, rituais, usos e costumes ancestrais/milenares, cujo habitat da nossa convivência diária para nós é absolutamente sagrado. Por isso nossa organização e estruturação social se estriba em práticas culturais que têm um caráter coletivo comunitário. Dentre estas práticas cabe explicitar nas páginas a seguir o processo de confecção da Panela de Barro Watxiwi que, embora não se constituindo em uma

especialidade da comunidade Itxala, pois é realizada sobretudo pelas mulheres Iny Karajá da comunidade de Santa Izabel do Morro (Hãwalò) e de Buridina (Aruanã), avalio que as mulheres da aldeia Itxala, em sendo instadas a tal prática, não irão se opor a resgatar tal prática em nossa comunidade. Assim, o *lócus* da educação escolarizada foi utilizado como mote de resgate da confecção da Panela de Barro Watxiwi através do desenvolvimento de oficinas envolvendo as(os) alunas(os) da EE Indígena Itxala e a comunidade em geral.

2. PANELA DE BARRO INY KARAJÁ WATXIWI

A arte da cerâmica é uma das formas mais antigas de expressão cultural humana, manifestando-se de maneiras distintas em diferentes sociedades ao longo da história.

Nesse sentido, a sociedade Iny Karajá é marcada por uma rica tradição oral, que envolve danças, rituais e, claro, a arte ceramista. As mulheres Iny Karajá desempenham um papel central na produção das panelas de barro, uma atividade que é vivenciada de geração em geração, reafirmando laços familiares e comunitários. Portanto, a confecção de panelas de barro transcende sua função primária de utensílio para cozinhar, servindo de elo entre o passado e o presente, e como expressão viva da identidade cultural desse povo.

Além de sua importância na vida cotidiana da comunidade, as panelas de barro Watxiwi são mais do que simples utensílios domésticos, elas são um símbolo da identidade e um meio importante de preservação cultural. Através delas, histórias são contadas, alimentos são cozidos, objetos são guardados, líquidos armazenados e transportados, os ensinamentos mantidos vivos e o conhecimento ancestral experienciado, vivido e preservado.

Portanto, as panelas de barro Watxiwi representam parte significativa da riqueza cultural, refletindo as histórias, crenças e a estética do povo Iny Karajá. Elas são LUGAR importante de preservação das tradições artesanais, não apenas para a sobrevivência cultural dos povos indígenas, mas também como uma fonte vital de diversidade cultural para o mundo. Assim, à medida que avançamos para o futuro, devemos reconhecer e valorizar esses objetos não apenas por sua beleza ou funcionalidade, mas como símbolos vivos de resistência cultural e resiliência. Para fortalecer suas experiências, conhecimentos e técnicas artesanais presentes em sua cultura, os Iny Karajá da Comunidade Itxala confeccionam diversos tipos de artesanatos, dentre eles a Watxiwi ou Panela de Barro.

A fabricação de panelas de barro representa uma das expressões culturais mais significativas do povo Iny Karajá, ou seja, o processo de fabricação das panelas de barro

Watxiwi Iny Karajá é complexo e requer habilidades técnicas e conhecimentos especializados. Assim sendo, a fabricação das panelas de barro Watxiwi Iny Karajá se constitui em uma tradição milenar que combina habilidade artesanal, conhecimento ancestral e uma profunda conexão com a natureza.

Esse processo não é apenas uma técnica de produção de utensílios domésticos, mas também uma prática cultural rica, vivida de geração em geração, principalmente pelas mulheres da comunidade. Para a fabricação, inicia-se uma seleção cuidadosa do barro, seguida por sua preparação, modelagem, queima e decoração. Ao final do processo, as peças são decoradas com desenhos representativos e tradicionais. Desse processo, resultam não apenas objetos funcionais, mas verdadeiras obras de arte, cada uma carregando a assinatura estética e o toque pessoal da artesã.

Para compreendermos melhor esse processo de fabricação da panela de barro Watxiwi Iny Karajá, utilizamos como referência as vivências da comunidade. Portanto, existe na comunidade mobilização e organização para a concretização do processo de fabricação de panela de barro, um desses momentos foi realizado entre os dias 12 a 15 de novembro de 2023, a partir de uma oficina promovida pela Organização do Povo Indígena Karajá de *Hãwãlòra* (OPIKH).

A oficina ocorreu na Comunidade *Hawãlòra*, com a vinda de uma mestra ceramista da Comunidade *Hãwãlò* de São Isabel do Morro – TO. A mestra ceramista se chama Mahiru Karajá, tem 47 anos e demonstra habilidades no processo de fabricação de panelas de barro Watxiwi e dos saberes ancestrais do povo Iny Karajá.

Os registros fotográficos a seguir representam parte desse processo de confecção da panela de barro Watxiwi Iny Karajá (Figura 2).

Figura 2 - Oficina de confecção da Panela de Barro Watxiwi



Fonte: arquivo Teijòlòri Karajá, 2023.

3. ETAPAS DA CONFECÇÃO DA PANELA DE BARRO WATXIWI

No processo de fabricação da Panela de Barro Watxiwi, os conhecimentos e técnicas são consideradas representações culturais que comportam significados sociais importantes, reproduzindo e ressignificando o ordenamento sociocultural e familiar do povo Iny Karajá. Embora a Watxiwi não seja uma especialidade da Comunidade *Itxala*, mas uma habilidade, sobretudo, das mulheres do povo *Iny/Karajá* de Santa Izabel do Morro (*Hãwalò*), mesmo assim, esse tipo de panela de barro Watxiwi é produzido na comunidade da bela região do Araguaia pertencente ao povo Iny Karajá.

Então, a especialista do povo Iny Karajá, Senhora Mahiru Karajá, mestra ceramista, realizou as etapas do processo de como confeccionar as panelas de barro. Segundo ela, estão presentes neste processo os elementos da natureza, que se consituem em ferramentas essenciais para construir uma boa panela de barro Watxiwi. Para iniciar a atividade, primeiramente, a mestra ceramista estabelece uma relação de respeito e veneração com a

Natureza em que é estabelecido diálogo interativo, porque se a Natureza não corresponder, o manuseio dos objetos por parte da mestra Mahiru Karajá pode resultar em um grande acidente com Panela de Barro Watxiwi.

A artesã demonstra um grande conhecimento ao identificar uma jazida de argila de alta qualidade, elemento fundamental para uma boa confecção da Watxiwi. Através de sua experiência, ela é capaz de determinar o momento ideal para a extração da matéria-prima, considerando as características específicas de cada tipo de barro. A mestra seleciona cuidadosamente a argila, priorizando aquelas isentas de impurezas e fissuras, garantindo assim um resultado final superior na confecção das painéis (Figura 3).

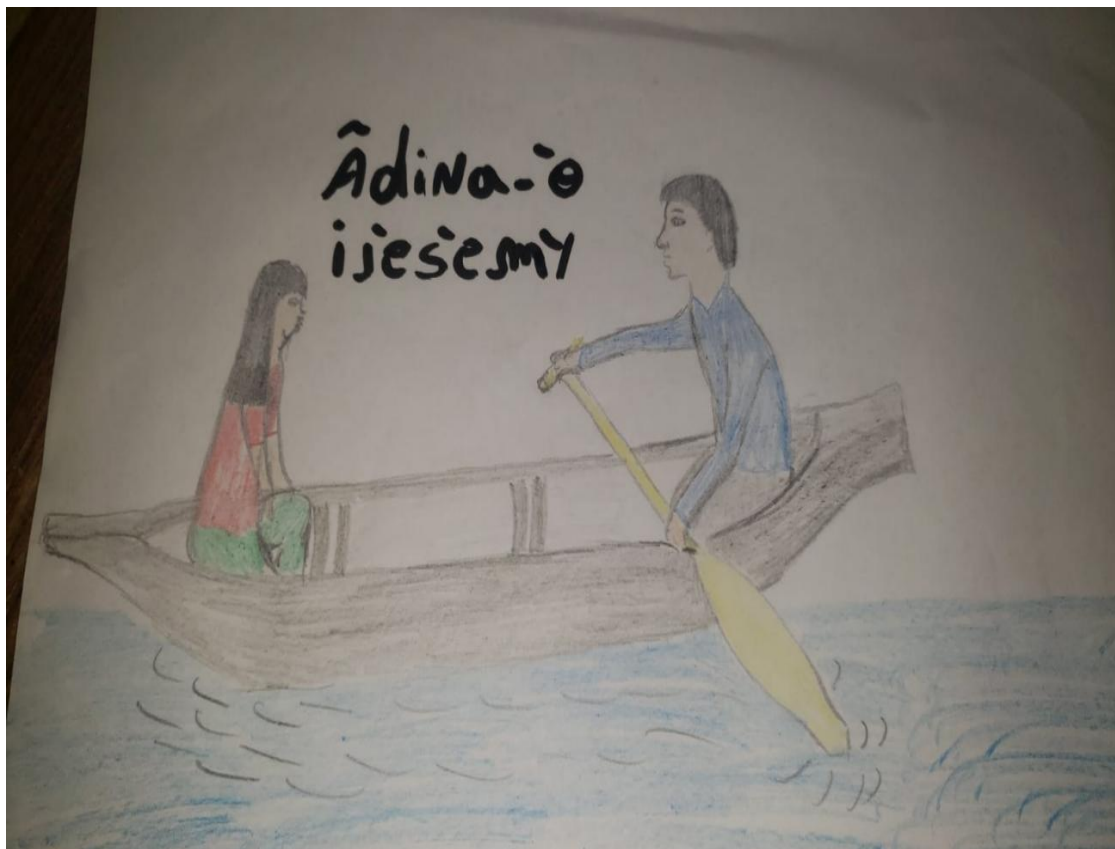
Figura 3- Desenho representando a mestra ceramista escolhendo a argila



Fonte: Robson Réhesi Karajá, 2024.

É importante lembrar que a mestra ceramista se responsabiliza também pelo transporte da argila, que no nosso caso, é realizado através do uso da canoa visto que o local onde encontrada a argila fica às margens do rio Araguaia (Figura 4).

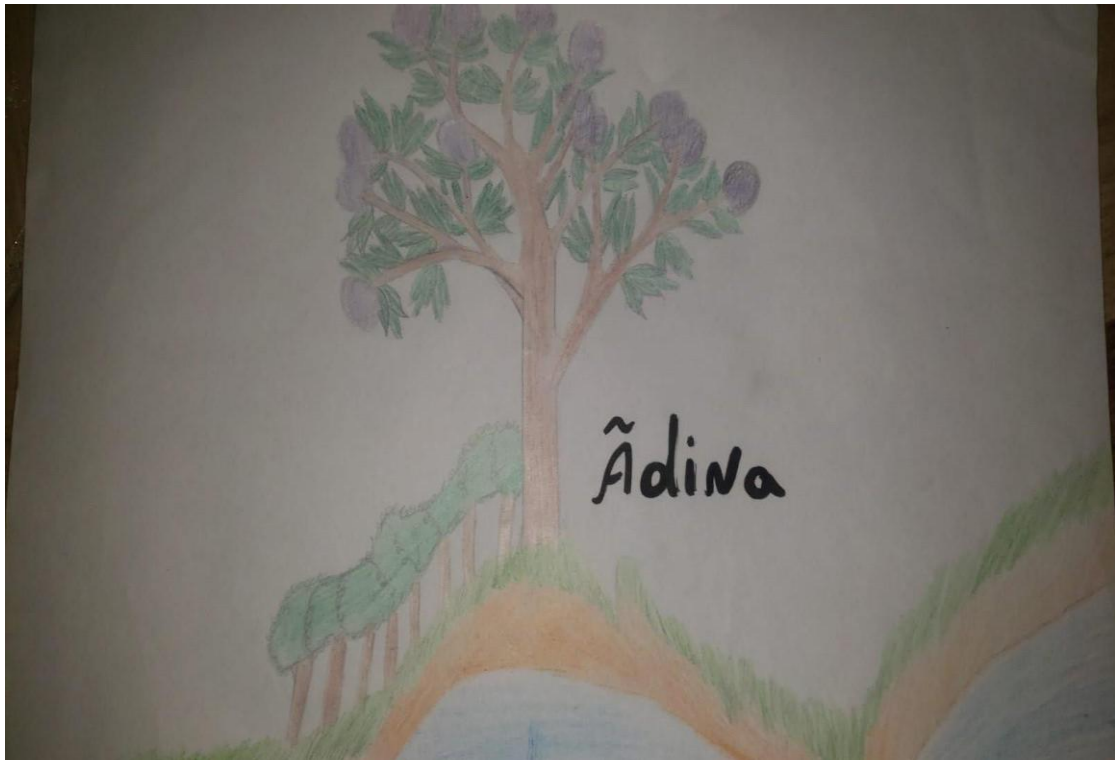
Figura 4 - Desenho representando a mestra ceramista transportando a argila



Fonte: Robson Réhesi Karajá, 2024.

Para uma boa confecção da panela de barro necessita-se outro componente importante que é a madeira, conhecida na língua materna como *Ãdina-ò* (Cega-Machado) ou *Mawysi*. Caso a ceramista não encontre a madeira específica será substituída por outra. Essa madeira *Ãdina-ò* pode ser encontrada na floresta, no cerrado ou na beira do rio Araguaia. Mas, essa árvore *Ãdina-ò* é utilizada somente quando está bem seca para queimar na fogueira. (Figura 5).

Figura 5 - Desenho de árvore Cega-Machado - ãdina



Fonte: Robson Réhesi Karajá, 2024.

Esta árvore é muito importante para o povo Iny Karaja, é chamada na língua materna de ãdina, mas na segunda língua é reconhecida como Cega-Machado. Ela constitui em um elemento específico essencial para a mistura da argila para fabricar a panela de barro Watxiwi. Para esse fim, precisa ser cortada pelo homem, analisada e então empregada.

A queima da árvore é um ritual que somente a mestra, com seu conhecimento ancestral, pode realizar. Através desse processo, ela estabelece uma conexão profunda com a natureza, garantindo que a energia utilizada seja positiva.

Em conformidade com o conhecimento da mestra, existem vários barros e ela vai escolher um bom para ter resultado positivo. Um dos passos para a confecção das panelas envolve a seleção cuidadosa do barro, a ceramista busca matéria-prima de alta qualidade, geralmente encontrada em locais específicos, conhecidos e preservados pela comunidade. Uma vez coletado, o barro é purificado para remover impurezas como pedras e restos vegetais. Esse processo pode incluir peneiração e amassamento, garantindo uma consistência homogênea e adequada para a modelagem.

Já a modelagem é feita inteiramente à mão ou com o auxílio de moldes básicos feitos de madeira ou outro material disponível. A ceramista utiliza ferramentas simples e suas

próprias mãos para suavizar, unir e dar forma às peças, demonstrando uma habilidade extraordinária para criar objetos de espessuras uniformes e formas equilibradas.

No processo que antecede a queima, as panelas são decoradas pelas mulheres com técnicas específicas, incluindo incisões, aplicação de relevos ou pintura com pigmentos naturais. As pinturas decorativas são inspiradas na fauna, flora ou mitologia Iny Karajá, refletindo a visão de mundo e os valores culturais da comunidade. Essa etapa é crucial para conferir às panelas sua identidade visual única e significado simbólico.

A queima é um dos passos mais críticos e delicados do processo de fabricação, esse momento é cuidadosamente disposto em um espaço aberto, onde são cobertas por materiais combustíveis: madeira e folhas secas. Com o fogo aceso e a temperatura monitorada integralmente para garantir uma queima uniforme das peças, esse processo pode levar várias horas, dependendo do tamanho e da espessura das panelas. Assim, a queima endurece o barro transformando-o em cerâmica e a coloração finaliza as panelas (Figura 6).

Figura 6 - Queima da árvore Cega-Machado



Fonte: Waxiaki Karajá, 2024.

Quando a temperatura do fogo atinge uma uniformidade, é chegado o momento de dispor as panelas ao seu redor de forma circular. As panelas devem ser dispostas a uma distância que varia de 40 a 50 centímetros, de acordo com o tamanho e a espessura de cada exemplar de penela. A cada 10 ou 15 minutos, as panelas devem ser viradas e reviradas de modo que o calor

do fogo consiga atingir de modo uniforme ambos os lados das panelas.

Figura 7 - Mestra repassando seus ensinamentos aos alunos



Fonte: Teijòlòri Karaja, 2023.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com seus ensinamentos, a mestra ceramista busca conscientizar os participantes sobre a importância de preservar os saberes do povo Iny Karajá. A oficina de confecção da panela de barro Watxiwi visa fortalecer a identidade cultural, tornando os participantes mais conscientes do seu contexto e menos vulneráveis à perda de suas tradições. O objetivo final é promover uma transformação educacional que valorize a cultura Iny Karajá, especialmente entre as crianças.

Pretendemos com esta Cartilha Pedagógica tornar o espaço da sala de aula em um *lócus* coletivo de produção e reprodução das nossas práticas ceramistas ancestrais que, para mor de preservação, pressupõe a valorização de tal prática por parte dos nossos alunos e comunidade em geral. A afirmação da nossa identidade Iny Karajá perpassa por ações coletivas pensadas e elaboradas pelo conjunto dos atores que compõem nossa comunidade.

Nesse sentido, a Escola Estadual Indígena Itxala, localiza na aldeia Itxala, município de Santa Terezinha/MT, reserva em seu PPP – Projeto Político Pedagógico um espaço para tematizar as questões afetas à cultura do povo Iny Karajá. Nesse sentido, há que se manter viva a prática de confeccionar a Panela de Barro Watxiwi visto que representa simbolicamente a vinculação profunda com o modo de ser e viver Iny Karajá.